



BRASÍLIA-DF • ANO XXXIX • Nº 212 • JUL/AGO/SET 2011

Centro de Comunicação Social do Exército

ISSN 2178-1265



Centenário de Nascimento do **SARGENTO MAX WOLFF FILHO**

Força Expedicionária Brasileira



PROGRAMA MEU 1º IMÓVEL

O primeiro passo para a conquista do imóvel dos seus sonhos com as melhores condições

Para militares de carreira do Exército Brasileiro e seus pensionistas participantes do FAM, que não são e nunca foram proprietários de imóvel em qualquer localidade do país.

Aquisição ou Construção de Imóvel Residencial

	FAIXA I	FAIXA II
Valor do imóvel	Até R\$ 200 mil	Acima de R\$ 200 mil até R\$ 400 mil
Juros nominais	7,00% a.a. ⁽¹⁾ ou 7,48% a.a.	8,00% a.a. ⁽¹⁾ ou 8,48% a.a.
Valor do financiamento até 90% do valor do imóvel limitado a ⁽²⁾	R\$ 150 mil	R\$ 300 mil
Prazo máximo	30 anos	

Forma de pagamento: consignação obrigatória em folha de pagamento.

(1) Para detentores de Poupança POUPEX Salário.

(2) Considerando o menor dos dois valores: avaliação ou compra/venda.



MAIS INFORMAÇÕES: 0800 61 3040



Fundação
Habitacional
do Exército



Associação
de Poupança
e Empréstimo



Editorial

VERDE-OLIVA – ANO XXXIX • Nº 212 • Jul/Ago/Set 2011

Estimado leitor,

O Exército, como instituição que cultua a tradição, a história e os heróis brasileiros, tem, como foco desta Revista Verde-Oliva, o Sargento **Max Wolff Filho**. Herói da Segunda Grande Guerra, **Max Wolff** é considerado o “Rei dos Patrulheiros”, por sua destemida atuação como líder de pequenas frações de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira (FEB) durante esse conflito no Velho Continente.

Por seu exemplo de abnegação, destemor e devotamento à profissão militar durante a campanha na Itália, o Sgt **Wolff** fez-se merecedor de referências e condecorações da FEB, que bem demonstram o seu valor de soldado. Em sua homenagem, a Escola de Sargentos das Armas – estabelecimento de ensino de formação dos sargentos combatentes do Exército – e o 20º Batalhão de Infantaria Blindado – Unidade Militar em que foi incorporado – foram dignificados com a denominação histórica “Sargento Max Wolff Filho”.

No ano do centenário de nascimento desse grande herói da FEB, os artigos e uma entrevista com sua única filha permitem delinear a imagem do cidadão e do militar **Max Wolff Filho** e tudo o que ele representa para o Exército. Nos dias de hoje, essa mesma fibra e determinação no cumprimento do dever motivam as nossas tropas empregadas na Missão das Nações Unidas para Estabilização no Haiti, missão de paz da ONU, que é aqui retratada por um novo viés: a da participação feminina na operação.

Além disso, a variedade de campos de atuação do Exército e sua história podem ser também conhecidas em matérias sobre **Caxias** em Itororó, a participação de alunos de escolas militares no Exame Nacional do Ensino Médio e na Olimpíada Brasileira de Matemática, o Projeto Soldado-Cidadão e o Projeto Rondon, a Cooperação Militar Brasileira no Paraguai, o III Encontro Internacional de História Militar e a Operação Amazônia. As imposições da modernidade e

a preparação militar para o futuro estão presentes em artigos sobre simuladores para o treinamento de tropas blindadas, a memória audiovisual na era digital e sobre equipamentos de visão noturna e termal no Exército.

Complementando os assuntos abordados nesta edição, a Unidade Militar do Exército aqui descrita é o 24º Batalhão de Caçadores (São Luís/MA), que dignamente representa a tradição e a história de nossas Organizações Militares. Encerrando as matérias, a equipe da Revista Verde-Oliva homenageia, além do Sargento **Max Wolff**, todos os sargentos participantes da Campanha da FEB nos campos da Itália, destacando, como Personagem da Nossa História, o Sargento **Nilo Moraes Pinheiro**.

Aproveite a oportunidade e conheça um pouco mais de seu Exército.


Gen Bda Carlos Alberto Neiva Barcellos
Chefe do CCOMSEx

PUBLICAÇÃO DO CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO (CCOMSEX)

Chefe do CCOMSEX:
Gen Bda Carlos Alberto Neiva Barcellos

Subchefe do CCOMSEX:
Cel Inf QEMA Kepler Santos de Oliveira Bastos

Chefe de Produção e Divulgação:
Cel Cav QEMA Nilson Kazumi Nodiri

CONSELHO EDITORIAL
Cel Art QEMA Guido Amin Naves
Cel Cav QEMA Nilson Kazumi Nodiri
Cel R/1 Jefferson dos Santos Motta

SUPERVISÃO TÉCNICA
Cel R/1 Jefferson dos Santos Motta

REDAÇÃO
Maj QCO Edson de Campos Souza
Maj QCO Maurício Infante Mendonça

PROJETO GRÁFICO
1º Ten QAO Adm G Osmar Leão Rodrigues
1º Ten QCO Karla Roberta Holanda Gomes Moreira
1º Ten QAO Sau Eduardo Augusto de Oliveira
2º Ten QAO Adm G Pallemberg Pinto de Aquino
ST Com Edson Luiz de Melo
2º Sgt Inf Fabiano Mache

COORDENAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO
Centro de Comunicação Social do Exército

IMPRESSÃO
Gráfica Total Editora,
Rua Presidente Prudente, 252 – Andar 01 – Cj. 02
Pq. Empresarial – Anhanguera – Cajamar – SP
CEP 07750-000 – Tel. (11) 7718-2876

TIRAGEM
50.000 exemplares – Circulação dirigida
(no País e no exterior)

FOTOGRAFIAS
Arquivo CCOMSEX

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Maria José dos Santos Oliveira
RP/DF/MS 3199

PERIODICIDADE
Trimestral

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
Quartel-General do Exército – Bloco B – Térreo
70630-901 – Setor Militar Urbano – Brasília/DF
Telefone: (61) 3415-6514 – Fax: (61) 3415-4399
redacao@exercito.gov.br

Disponível em PDF na página eletrônica
www.exercito.gov.br

É permitida a reprodução de artigos, desde que citada a fonte, exceto de matérias que contiverem indicação em contrário.

NOSSA CAPA



Imagens da Campanha da FEB – 1945



Sumário

Acompanhe nesta Edição

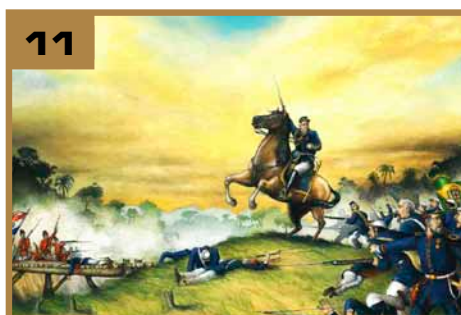
- 06** Sargento Max Wolff Filho – Herói da 2ª Guerra Mundial
- 08** Escola Sargento Max Wolff Filho – EsSA
- 11** Caxias em Itororó – Dia do Soldado – 25 de Agosto
- 12** Patrulha de Infantaria – Carmen Lúcia Rigoni
- 14** Entrevista – Sra. Hilda Chaves Wolff
- 17** As Comemorações do Centenário de Nascimento do Sargento Max Wolff
- 20** ENEM 2010 – Resultado / Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas
- 22** Nossas OM: 24º Batalhão de Caçadores
- 26** Projeto Soldado-Cidadão – Melhor Gestão 2010 – 61º BIS



06



08



11



12



26



30



39

- 29** III Encontro Internacional de História Militar
- 30** Simuladores para o treinamento de tropas blindadas
- 34** Mulheres do Exército no Haiti
- 39** Muito Obrigado de um Rondonista ao 52º BIS

- 41** Cooperação Militar Brasileira no Paraguai
- 45** A Memória Audiovisual na Era Digital
- 47** Visão Noturna e Térmica no Exército
- 52** Operação Amazônia 2011
- 58** Personagem da Nossa História: 3º Sargento Nilo Moraes Pinheiro



52



Espaço do Leitor

redacao@exercito.gov.br

“Olá, sou reservista do quadro de saúde do Exército, gostaria se fosse possível estar recebendo esta conceituada revista, pois hoje estou morando no interior do estado do Paraná, e percebo que tem muitos jovens com potencial para serem militares, pois como aqui é afastado da capital paranaense, onde existe o excelente Colégio Militar de Curitiba. Vejo que aqui fora existe falta de divulgação do trabalho inicial nas Forças Armadas. Deus abençoe pelo excelente trabalho que vocês prestam aos reservistas militares com esta poderosa ferramenta que é a informação. Um forte abraço.”

Paulo Henrique Francisco
Terra Rica-PR

“Olá muito boa tarde! Gostaria de receber esta maravilhosa revista onde contém diversos assuntos de suma importância para este acadêmico e também filho de militar.”

Fernando de Mello
Cascavel-PR

“Apraz-me informar a indefectível equipe editorial da diligente Revista Verde-Oliva, que venho recebendo-a trimestralmente, outrossim, tenho bons momentos em estar sempre ligado as cousas do nosso querido Exército.”

Cel. Volney Pedreira Holanda

“Temos em nosso acervo sua Revista Verde-Oliva, desde 1988 até o ano de 2006. Atualmente recebemos através de doação de um acadêmico de geografia, a edição especial 2010. Gostaria de recebermos os exemplares faltantes, juntamente com o exemplar de 2011. E, se possível continuarmos recebendo-a periodicamente. Agradeço sua atenção, já que este periódico é muito importante em nosso acervo.”

Rosane Torres
União da Vitória-PR

“Sou Sargento reformado do Exército e para mim esta revista será muito útil, ou seja, uma distração a mais em estar lendo os seus conteúdos, em razão de inúmeros assuntos da área militar. Agradeço a atenção. Sou um militar reformado, hoje vinculado ao 9º BE Cmb.”

Walter Souza Barbosa
Aquidauana-MS

“No momento que a sustentabilidade é assunto dominante, a revista VO se volta para assuntos relacionados ao meio ambiente e consciência ambiental, no “respeito ao verde”. É boa fonte de pesquisa para nossos educandos.

Nossos parabéns por mais esse excelente número que trata do assunto. As matérias nele contidas despertam vivo interesse, dando aos leitores oportunidade de reflexão sobre o respeito pela questão ambiental.”

Irmã Maria Camília Marques
Diretora Geral
Colégio Nossa Senhora de Nazaré
Conselheiro Lafaiete-MG

Prezado Leitor,

Este espaço é reservado para as suas impressões sobre a Revista Verde-Oliva. Envie também sugestões de matérias para serem publicadas nas próximas edições, afinal, a sua opinião é de grande importância para nós e gostaríamos de conhecê-la. Participe, pois esta publicação é endereçada a você. Obrigado!

Equipe Verde-Oliva

Sargento Max Wolff Filho

Herói da 2ª Guerra Mundial



Sargento Max Wolff à frente de sua patrulha

O Exército Brasileiro comemora, este ano, o Centenário de Nascimento do Sargento Max Wolff Filho, considerado um dos grandes heróis da Força Expedicionária Brasileira (FEB).

Filho de pai austríaco e mãe brasileira, nasceu em 29 de julho de 1911, na humilde cidade paranaense de Rio Negro. Segundo de cinco irmãos, em sua adolescência trabalhou com o pai numa torrefação de café e como escrivão nos armazéns de uma companhia de navegação.

Com a mudança de residência da família para Curitiba (PR), alistou-se no 15º Batalhão de Caçadores (15º BC), hoje 20º Batalhão de Infantaria Blindado (20º BIB). Posteriormente, servindo no 30º Regimento de Infantaria (30º RI), conquistou a admiração, o respeito e a confiança de seus superiores, pares e subordinados, em particular de seu comandante, o então Capitão **Zenóbio da Costa**, pela coragem e destemor demonstrados em situações de emprego da tropa.

Promovido à graduação de 3º sargento, passou a integrar



Entrada da tropa brasileira em Montese

a Polícia Municipal do Rio de Janeiro, na época Distrito Federal, organizada pelo Major **Zenóbio da Costa**.

Aos 33 anos, voluntário e incorporado ao 11º Regimento de Infantaria (11º RI), seguiu para a Itália em outubro de 1944, tendo destacada atuação na execução de ações de remunciação e resgate de feridos.

Desde cedo, em decorrência de sua determinação, excepcional senso de responsabilidade e cuidado especial que dispensava aos seus subordinados, tornou-se popular e querido não só pela tropa brasileira como também pelos americanos.

Em inúmeras oportunidades, o Sargento **Max Wolff** voluntariou-se para o comando de patrulhas, que, infiltradas nas linhas defensivas inimigas, realizavam reconhecimentos, faziam prisioneiros ou resgatavam feridos, evidenciando



Montese – Itália

qualidades que o consagraram como o “Rei dos Patrulheiros”.

Tombou heroicamente em solo italiano, no dia 12 de abril de 1945, durante a realização de uma patrulha de reconhecimento, após ter recebido uma rajada de metralhadora, levando aflição e angústia à tropa brasileira que combatia os alemães em Montese.

Sem dúvida, as ações do Sargento **Max Wolff Filho** foram eternizadas, pois cumpriu honrosamente a sua missão, sempre evidenciando lealdade, desprendimento, coragem e espírito de sacrifício.

Em reconhecimento aos seus predicados de herói da Força Expedicionária Brasileira, foi promovido *postmortem* ao posto de 2º Tenente e foi agraciado com as seguintes medalhas: Cruz de Campanha, Sangue do Brasil, Cruz de



Praça Sargento Max Wolff Filho no 20º Batalhão de Infantaria Blindado – Curitiba (PR)



Medalha e barreta Sargento Max Wolff Filho

Combate de 1ª Classe e Bronze Star (americana).

Em 2010, o Exército Brasileiro criou a Medalha Max Wolff Filho, como forma de premiar os subtenentes e sargentos da Força Terrestre, do serviço ativo ou na inatividade, agraciando àqueles que demonstrem características e/ou atitudes evidenciadas pelo herói **Max Wolff**, destacando-se pela dedicação à profissão e pelo interesse no seu aprimoramento.

De modo a manter viva a memória deste valoroso herói da 2ª Guerra Mundial, o Exército Brasileiro dignificou as seguintes Organizações Militares com a Denominação Histórica “Sargento Max Wolff Filho”:

- Escola de Sargentos das Armas (EsSA), localizada em Três Corações (MG), estabelecimento de ensino voltado para a formação dos futuros sargentos combatentes do Exército;

- 20º Batalhão de Infantaria Blindado (20º BIB), em Curitiba (PR), Organização Militar que teve a honra de incorporá-lo.

Sargento Max Wolff Filho, Herói da 2ª Guerra Mundial,

seus atos de abnegação, sacrifício e bravura ficaram registrados na memória do Exército Brasileiro e, principalmente, nas melhores tradições da FEB, que, com muito orgulho, rendem-lhe as merecidas homenagens. —



Escola de Sargentos das Armas – Três Corações (MG)



20º Batalhão de Infantaria Blindado – Curitiba (PR)



Escola Sargento Max Wolff Filho – EsSA

Uma das mais significativas homenagens a este bravo sargento foi a adoção, pela Escola de Sargentos das Armas, da denominação histórica “Escola Sargento Max Wolff Filho”. Tal escolha fundamentou-se no fato de o homenageado ter sido um sargento combatente possuidor de virtudes e atributos dignos de servir como exemplo aos futuros sargentos do Exército Brasileiro, elo fundamental na estrutura do Exército.

Em 2011, a Escola de Sargentos das Armas (EsSA) tem a honra de comemorar o centenário de nascimento do Sargento **Max Wolff Filho**, herói da 2ª Guerra Mundial, cujo nome adotou como denominação histórica. Além de ser um exemplo para os futuros sargentos do Exército Brasileiro, ele também participou de ações de combate em lutas de largas frentes e em regiões montanhosas, que muito exigiram das pequenas frações de Infantaria e das demais armas como um todo.

Remontando às suas origens e ao contexto histórico, político e social em que esteve inserido, nota-se que o Sargento **Max Wolff Filho** foi forjado para o combate. Nada mais justo, portanto, que faça jus às homenagens prestadas por aqueles que admiram os verdadeiros líderes e neles se espelham.

Nascido em 29 de julho de 1911, era filho de **Max Wolff**, descendente de alemães, e de D. **Etelvina**, natural de Lapa (PR). Até os 4 anos, viveu as tensões da Guerra do Contestado. Aos 5 anos, durante a Primeira Guerra Mundial, frequentou a escola em Rio Negro. Aos 11, já era o principal auxiliar de seu pai numa torrefação e moagem de café. Aos

16, passou a trabalhar como escriturário de uma companhia que explorava a navegação no Rio Iguaçu. Nas horas de folga, juntava-se aos carregadores para ensacar erva-mate, carregar e descarregar vapores.

Serviu ao Exército, pela primeira vez, alistando-se no então 15º Batalhão de Caçadores, participando da Revolução de 1930. Transferido para o Rio de Janeiro, combateu a Revolução de 1932 no Vale do Paraíba. Foi professor de Educação Física e Defesa Pessoal. Ingressou na Polícia Militar do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, sendo Comandante da Polícia de Vigilância.

Na época da 2ª Guerra Mundial, apresentou-se voluntariamente, tendo sido designado para a 1ª Companhia do 1º Batalhão, do já tradicional 11º Regimento de Infantaria, em São João Del Rei. Contava ele com 33 (trinta e três) anos de idade.

Ingressou na Força Expedicionária Brasileira como 3º sargento. Desde cedo, tornou-se muito popular e querido, dadas as suas atitudes desassombradas e a maneira carinhosa e paternalista com que tratava seus subordinados. Com o passar do tempo, passou a ser admirado não só pelos seus camaradas, como também pelos superiores, tanto da FEB

como do V Exército de Campanha americano, pelas suas inegáveis qualidades.

Todas as vezes que se apresentavam missões difíceis de serem cumpridas, lá estava o Sargento **Wolff** declarando-se voluntário, principalmente para participar de patrulhas. Fazia parte da Companhia de Comando e, como tal, sem estar ligado diretamente às atividades de combate, participou de todas as ações de seu Batalhão no ataque de 12 de dezembro a Monte Castelo, levando, de forma incessante, munição para a frente de batalha e retornando com feridos e, na falta desses, com mortos.

Indicado por sua coragem invulgar e pelo excepcional senso de responsabilidade, passou a ser presença obrigatória em todas as ações de patrulha de todas as companhias, como condição indispensável ao êxito das incursões. Um desses exemplos está contido no episódio em que o General **Zenóbio da Costa**, ao saber do desaparecimento do seu Ajudante-de-Ordens, Capitão **João Tarciso Bueno**, colocado pelo general à disposição do escalão de ataque por absoluta falta de recompletamento de oficiais, ordenara ao comandante do batalhão que formasse uma patrulha para resgatar o corpo do seu auxiliar. O comandante adiantou ao emissário que



a missão seria muito difícil, mas que tentaria. Para tanto, sabedor que só **Wolff** poderia cumpri-la, chamou-o, deu a ordem e ouviu do Sgt **Wolff**, com a serenidade, a firmeza e a lealdade que só os homens excepcionalmente dotados podem ter: "Coronel, por favor, diga ao General que, desde o escurecer, este padioleiro e eu estamos indo e voltando às posições inimigas para trazer os nossos companheiros feridos. Faremos isso até que a luz do dia nos impeça de fazê-lo. Se, numa dessas viagens, encontrarmos o corpo do Capitão **Bueno**, nós o traremos também". Não logrou êxito nesta missão, já que o Capitão **Bueno**, ferido, havia sido resgatado por um soldado. Mesmo assim, ainda lhe foi possível, naquela madrugada, salvar muitas outras vidas.

Tais qualidades elevaram-no ao comando de um pelotão de choque, integrado por homens de elevados atributos de combatente, especializado para as missões de patrulha, que marcharia sobre o acidente capital "Ponto cotado 747", ação fundamental nos planos concebidos para a conquista de Montese. Foi-lhe lembrado que deveria poupar munição para usá-la no momento devido, pois, certamente, os nazistas iriam se opor ferozmente ao ataque. Foi-lhe aconselhado que se precavesse, pois a missão seria à luz do dia.

Partiu às 12 horas de Monteporte, passou pelo ponto cotado 732 e foi a Maiorani, de onde saiu às 13 horas e 10 minutos para abordar o ponto cotado 747. Tomou todas as precauções, conseguindo aproximar-se muito do casario, tentando envolvê-lo pelo Norte. Estavam a 20 metros e o Sargento **Wolff**, provavelmente, tendo se convencido de que o inimigo recuava, estando longe, abandonou o caminho previsto para, desassombradamente, à frente de seus homens, com duas fitas de munição trançadas sobre

seus ombros, alcançar o terço superior da elevação.

O inimigo deixou que chegasse bem perto, até quando não podiam mais errar. Eram 13 horas e 15 minutos do dia 12 abril de 1945. O inimigo abriu uma rajada, atingindo e ferindo o comandante no peito, que, ao tombar, recebeu nova rajada de arma automática, tendo caído mortalmente também um soldado que estava ao seu lado. Após essa cena, sucedeu-se a ação quase suicida de seus liderados para resgatar o seu corpo. A rajada da metralhadora inimiga rasgava um alarido de sangue. A patrulha procurava neutralizar a arma que calara o herói. Dois homens puxaram o corpo pelas pernas. Um deles ficou abatido nessa tentativa. O outro, esquálido e ousado, trouxe **Wolff** à primeira cratera que se lhe ofereceu. Ali, mortos e vivos se confundiam.

A patrulha, exausta, iniciava o penoso regresso às linhas aliadas, pedindo que a artilharia cegasse o inimigo com os fogos fumígenos e de neutralização. Os soldados do Onze queriam, a qualquer custo, buscar o companheiro na cratera para onde tinha sido trazido, lembrando a ação que ele mesmo praticara tantas vezes. Queriam trazer o paciente artesão das tramas e armadilhas da vida e da morte das patrulhas. Foi impossível resgatá-lo no mesmo dia em face da eficácia dos fogos inimigos, inclusive de artilharia. O dia seguinte era a largada da grande ofensiva da primavera. O Sargento **Wolff** lá ficara para que todos estivessem presentes na hora da decisão.

Montese foi conquistada.

Promovido *post mortem* ao posto de 2º tenente (Decreto Presidencial, de 28 de junho de 1945), deixou na orfandade sua filha **Hilda**, a maior afeição de sua vida de soldado. Da Itália, escreveu a sua irmã **Isabel**, relatando seu orgulho em pertencer ao Exército Brasileiro e que, se a morte o visitasse, morreria com satisfação.

Eis a síntese do heroísmo de um homem simples e valoroso.

Seus restos mortais encontram-se no Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, no jazigo 32, quadra G. —

Monumento em honra ao Sargento Max Wolff Filho, no local de sua morte – Biscaia-Itália



25 de Agosto Dia do Soldado



Caxias em Itororó

"...Só um ato de extremo heroísmo ou temeridade poderá compensar a ausência daquelas três espadas gloriosas e fazer assegurar definitivamente o êxito já conseguido.

E esse general de 65 anos de idade, exclamando – Sigam-me os que forem brasileiros! – desembainha a espada curva e, como um simples cavaleiro da Idade Média, ou dos tempos gloriosos do Grande Império, esporeia o animal e atira-se à frente de seu Exército, decidido a passar a ponte, haja o que houver!

Verifica-se, então, no Exército, 'um delírio, um frenesi, um indizível entusiasmo'.

O Marquês passa pelo 16º, 'erecto no cavallo, o bonnet de capa branca com tapanuca, de pala levantada e preso ao queixo pela jugular, a espada recurva desembainhada, e presa pelo fiador de ouro'. **Dionísio Cerqueira** acrescenta: o velho general em chefe parecia ter recuperado a energia e o fogo dos vinte annos. Estava realmente bello! Perfilamo-nos como se uma centelha tivesse passado por todos nós.

Apertávamos o punho das espadas, e ouvia-se um murmúrio de bravos ao grande marechal. O batalhão mexia-se agitado e atrahido pela nobre figura, que abaixou a espada em ligeira saudação ao seus sodados. O commandante deu vós de firme. Dalli a pouco, o maior dos nossos generais arroja-se impávido sobre a ponte, acompanhado dos batalhões galvanizados pela irradiação de sua glória.

Houve quem visse moribundos, quando elle passou, erguerem-se brandindo espadas ou carabinas para cahirem mortos adiante."

Texto extraído do livro CAXIAS, de **Afonso de Carvalho**, editado pela BIBLIEX - pag 252/253.

Caxias passa a ponte. Todo o Exército o acompanha.
(O líder – o obstáculo – a atitude dos liderados)

Patrulha de Infantaria

Max Wolff Filho, a sua maior expressão



“A notícia da morte de Wolff espalhou-se por todos os acampamentos brasileiros. Tal fato ocorreu na frente e na retaguarda das tropas, nos ‘fox hole’ e nos postos de observação avançados, reforçando a cada narrativa a figura heroica do personagem. Ficou retida, nas mentes, a figura do soldado destemido, líder do seu grupo e, o mais relevante, a marca de sua personalidade altruísta e espírito de companheirismo denotado a quem precisasse.”

Coronel Adhemar Rivermar de Almeida

A conquista de Monte Castelo, em fevereiro de 1945, reforçava o pensamento de vitória entre os combatentes brasileiros, criando a imagem de um novo soldado, redimindo, desse modo, os primeiros percalços da FEB, vista agora como tropa de primeira linha.

A cidade de Montese, localizada a noroeste da Itália, constituía um desafio para os brasileiros, e as fortificações naturais, como os morros de Montello e Monte Buffoni, asseguravam refúgio importante para as tropas alemãs remanescentes que ali estavam estacionadas. Na expectativa de que tropas aliadas chegassem a qualquer momento, os alemães haviam disseminado minas na parte sul da cidade, criando assim uma barreira quase intransponível.

Para o comando aliado, havia notícias de grande movimentação de tropas alemãs na área. As incertezas nas informações nada esclareciam, pois poderia tratar-se de um reforço ou de uma retirada total desses elementos. Era necessária uma averiguação mais apurada e, nesse sentido, patrulhas deveriam percorrer as imediações da cidade.

“Nessas patrulhas o ‘pracinha’ tinha de fazer inúmeros reconhecimentos na ‘terra de ninguém’, com a exposição constante de sua vida, em terreno geralmente desconhecido e largamente minado, atraindo o fogo inimigo, a fim de revelar sua localização e potência”. (Coronel **Adhemar Rivermar de Almeida**)

Muitos fatos na guerra, para os soldados brasileiros, estão envoltos no nome do Sargento **Max Wolff Filho**, que pertenceu ao 11º Regimento de Infantaria (Regimento Tiradentes) da FEB. O seu nome está ligado às patrulhas das quais participou ou que comandou durante o inverno de 1944 e, mais tarde, na Ofensiva da Primavera, em 1945.

Durante a organização da Polícia Municipal do Distrito Federal, à época na cidade do Rio de Janeiro, foi chamado por **Zenóbio da Costa** para integrar a nova corporação, aí prestando relevantes serviços, que acabaram por moldar o seu perfil de militar destemido.

Logo que foi aberto o voluntariado para a Força Expedicionária Brasileira, ao saber que o General **Zenóbio da Costa** seria o comandante da Infantaria Expedicionária, Wolff manifestou grande desejo de partir para a guerra. Durante o processo de seleção médica, na formação da FEB, Wolff foi recusado, pois, além de um problema de saúde, possuía idade considerada avançada para servir na guerra como sargento.

Contam os historiadores militares que o Sargento **Wolff** buscou recursos médicos e, desse modo, embarcou com o 11º RI no 2º escalão que partiu para a Itália.

A patrulha comandada por **Max Wolff**, e que o vitimou, é envolvida até hoje pelas mais diversas interpretações. Naquele dia fatídico, 12 de abril de 1945, mal despertara o dia e o Posto de Comando do 1º/11º RI, localizado em Monteforte, estava tomado por oficiais, observadores avançados de Artilharia e correspondentes de guerra.

O lançamento de patrulhas, à luz do dia, era algo de muita temeridade. Escolhido na noite anterior para comandar o pelotão especial, **Wolff** havia estudado com o Oficial de Operações todos os detalhes, e os homens seriam de sua escolha. Geralmente, a patrulha era composta por 19 homens.

Como sempre, antes da partida, o Sargento **Wolff** verificava cada soldado da sua fração e, como verdadeiro comandante de linha de frente, previa e providenciava tudo o que fosse necessário para a missão. Solicitou que cada um verificasse seu armamento, submetralhadoras e fuzis, minúcias importantes que não poderiam ser esquecidas. Cada homem portava 8 granadas enganchadas no cinto de guarnição, pesando cerca de 650 gramas cada uma, que, juntando-se a outros equipamentos, tornavam o caminhar do soldado de Infantaria uma árdua tarefa.

Ao passar pelo observatório da Artilharia Brasileira em Monteforte, a patrulha seguia em coluna por um, e estava sendo observada ao longe, também, pelos correspondentes de guerra. Minutos antes, havia sido fotografada com os homens em formação, a célebre foto que ficou na história, eternizada em belo monumento no quartel do 20º Batalhão de Infantaria Blindado (Curitiba/PR), com **Max Wolff** à testa de seus homens, com talabartes de munição sobre os ombros e cruzados às costas, diferenciando-o dos demais.

Passando pela cota 732 em Morciani, **Wolff** deixa para trás parte dos seus homens, para um apoio, caso uma retirada fosse necessária. Os elementos restantes foram divididos em dois grupos, cada um com 6 elementos, iniciando o avanço, um à esquerda e o outro à direita, tentando envolver o casario.

Ao se aproximarem da cota 747, na localidade de Riva di Biscia, objetivo maior da patrulha, **Wolff** tinha consciência do perigo que corriam. As duas frações se aproximaram muito das casas, cerca de vinte metros, e o terreno estava arado e fofo, o que dificultava a caminhada. Nesse instante, perto do meio-dia, o comandante é atingido por projéteis de metralhadora MG42 ("Lurdinha", no linguajar do pracinha da FEB) e, ferido mortalmente, tenta se mexer, mas é ferido novamente por tiros que partiram do mesmo local, deixando-o definitivamente imóvel.

O inimigo preparou uma barragem de fogos frente às suas posições, dificultando o resgate do corpo de **Wolff**. Nesse momento, na tentativa de resgate, foram feridos o Sargento **Faccion** e o Soldado **Antonio de Sá Rodrigues**, enquanto o Soldado **João Estevan** morreu no local. O oficial

médico, Tenente **Yvon de Miranda Azevedo**, que estava mais recuado, tentou socorrer os feridos no próprio local.

Das missões de que **Wolff** participou, seu nome foi registrado nos anais do 11º RI, principalmente nas primeiras jornadas infrutíferas da Tomada de Monte Castelo, quando tentou levar tranquilidade aos soldados da 1ª Companhia desse Regimento, duramente atacada pelos alemães no bombardeio de 2 de dezembro de 1944. O mesmo ocorreu na busca pelo Capitão **João Tarciso Bueno**, ferido gravemente no episódio de 12 de dezembro de 1944. Pela intrepidez com que aceitava as missões, tais feitos e a amizade incondicional que o ligava aos seus comandados provocaram a admiração de seus superiores e camaradas.

Nos dias que se seguiram à morte dos patrulheiros, a FEB desencadeou toda a sua ação sobre a cidade de Montese e seu entorno. Os violentos ataques da artilharia alemã e os campos minados provocaram elevadas baixas na tropa brasileira. Montese, no entanto, somente cairia no dia 17 de abril de 1945, na maior operação bélica desencadeada por um Regimento da FEB. O saldo para a cidade foi trágico, registrando-se cerca de mil mortos entre os civis, tendo a cidade de arquitetura medieval perdido mais de 1.350 de seus prédios históricos.

Naqueles dias da primavera de 1945, partia a FEB para os seus últimos combates, agora confiante, gravando para a posteridade o seu nome nos anais da História Contemporânea Brasileira.

Eis a memória que não fenece, mas insiste em existir.

Atualmente, a memória do Sargento **Max Wolff Filho** é reverenciada pelo Exército Brasileiro por intermédio das denominações históricas da Escola de Sargentos das Armas (EsSA – Três Corações/MG), do 20º Batalhão de Infantaria Blindado (20º BIB – Curitiba/PR) e do Centro de Recuperação de Itatiaia (CRI – Itatiaia/RJ).



CARMEN LÚCIA RIGONI

Profª. Drª. em História Cultural – Universidade Federal de Santa Catarina. Membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná

Entrevista

A cavaleiro das comemorações do Centenário de Nascimento do Sargento Max Wolff Filho, a Revista Verde-Oliva entrevistou, no dia 14 de julho de 2011, a Sra Hilda Chaves Wolff, filha do valoroso herói de Montese e Monte Castelo. Natural da cidade do Rio de Janeiro, aos dez anos de idade foi matriculada no Colégio Nossa Senhora da Piedade, em regime de internato, em consequência da ida de seu genitor para a Itália, integrando a Força Expedicionária Brasileira. Ao casar-se, em 4 de fevereiro de 1960, passou a assinar Hilda Della Nina, tendo nesse mesmo ano se formado em História na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Hoje, residente na cidade do Rio de Janeiro, mãe de quatro filhos e avó de seis netos, brinda-nos com informações inéditas sobre a pessoa humana do Sargento Max Wolff Filho – um homem sereno, amoroso e que demonstrava, em todas as oportunidades, muito carinho e atenção com a filha.

Revista Verde-Oliva – Nós conhecemos a história militar do Sargento Max Wolff Filho, mas como era o pai **Max**?

Hilda – Ele era um pai carinhoso, que se preocupava muito com a minha saúde. Antes de ir para o trabalho, tinha o cuidado de me fazer tomar banho frio, porque eu sofria de bronquite. Desembaraçava os meus cabelos, que eram longos, sabia bater uma boa gemada, me dava chá-mate, que

é um costume paranaense, preparava a comida de que eu gostava, levava-me ao médico para tomar banho de luz e ficava do outro lado da porta conversando para que eu não sentisse medo. Da Itália, as cartas que ele escrevia não falavam sobre as ações em combate, e sim do carinho e do amor que sentia por mim. Tratava-me por “Minha querida filhinha”, “Minha idolatrada filhinha”, “Minha adorável filhinha” e no meu aniversário “A meu amor”. São essas pequenas coisas que me marcaram e trazem boas lembranças do meu pai.

Revista Verde-Oliva – Ele era uma pessoa respeitada pelos seus superiores e tratava muito bem os seus subordinados. Como era ele na vida familiar?

Hilda – Em sua biografia, consta que ele preocupava-se e tratava com carinho os seus subordinados, tanto que recebeu o apelido de “Carinhoso”. Na vida familiar, isso era uma constante.

Revista Verde-Oliva – Existe divergência com relação à data de nascimento do Sargento **Max Wolff Filho**. Qual é a data correta?

Hilda – A data correta é 29 de julho de 1911, confirmada pela Certidão de Nascimento e pela Região Paranaense do Expedicionário. Portanto, o centenário de nascimento ocorre em 2011. A data que foi colocada na lápide do jazigo com seus restos mortais no Monumento aos Mortos da 2ª Guerra Mundial – Jazigo 32 – Quadra G, não está correta.

Revista Verde-Oliva – Neste ano, a Escola de Sargentos das Armas (EsSA) e o 20º Batalhão de Infantaria Blindado (20º BIB), Unidades que receberam a denominação histórica “Sargento **Max Wolff Filho**”, estarão realizando as comemorações de âmbito nacional. A senhora vai participar?

– Sim. Estarei presente com meu marido e meus netos. A EsSA enviou-me convite para as comemorações que ocorrerão nos dias 28 e 29 de julho. Formatura, lançamento de selo, premiação aos vencedores das competições esportivas e a entrega da Medalha Sargento Max Wolff Filho. A data será muito comemorada e é motivo de orgulho para mim e para toda a família.

Revista Verde-Oliva – O seu pai costumava escrever para os familiares?

Hilda – Sim. Eu particularmente possuo as cartas que me foram enviadas. São cartas amorosas e ele mostrava-se sempre preocupado com a minha saúde e meu bem-estar. Quem mais recebia correspondências era a sua irmã **Izabel**. Era a irmã querida, minha tia madrinha, nomeada minha tutora caso acontecesse algo com ele.



Hilda Chaves Wolff

Filha do Sargento Max Wolff

Saudades de um pai

Revista Verde-Oliva – O que a senhora sabe sobre o comportamento do Sargento **Max Wolff** quando criança?

Hilda – O que sei é fruto de conversas com meus avós, parentes e outras pessoas. Quando ele faleceu, eu estava com dez anos. Voltei ao Paraná aos dezoito anos. Em conversa com meus avós, fiquei sabendo que ele era muito arteiro. Em certa oportunidade, fugindo de minha avó, que era muito durona, ele pulou do 2º andar da torrefação de café e quebrou as duas pernas. Por outro lado, conheci uma de suas professoras, que afirmou ser o meu pai um garoto educado e quieto.

Revista Verde-Oliva – Como a senhora recebeu a notícia do embarque de seu pai para a Itália, isto é, para a guerra?

Hilda – Eu não me lembro. A despedida foi um “tchau”, como se ele estivesse indo para o trabalho. Logo fui para o colégio interno, onde comecei a receber as primeiras notícias em conversa com as freiras, embora não tivesse noção do que era uma guerra. As freiras convidavam-me para rezar para que meu pai voltasse logo. Com relação a sua morte, a primeira notícia que minha avó soube pelo rádio é que ele estava desaparecido, depois é que chegou um telegrama confirmando o ocorrido. Até então, ela achava que ele poderia ter sofrido de amnésia e depois voltaria para casa. Eu não entendia o que estava acontecendo. Eu não chorei, mas achava que ele estava vivo e não queria voltar. Isso calou forte dentro de mim. Aos dezesseis anos foi que tomei consciência de que ele tinha morrido. Chorei muito e realmente passei a lembrar-me da pessoa querida que foi o meu pai. Como todo católico, acredito

que esteja aproveitando-se das glórias junto a Deus.

Revista Verde-Oliva – Quando a senhora tomou ciência de que seu pai era um herói de guerra?

Hilda – Isso aconteceu pela leitura de livros, recortes de jornais, documentos e também pela conversa com outras pessoas. O primeiro livro que ganhei de presente foi de um jornalista que havia acompanhado a Força Expedicionária Brasileira durante a guerra. Fiquei assustada porque ele dizia que meu pai era viúvo, mas na verdade o meu pai estava separado de minha mãe, que veio a falecer no ano de 2003. Eu li quase todos os livros sobre o meu pai e alguns escritores me procuraram antes de escrever. Quem acompanhou de perto os feitos do meu pai foram os meus avós, que encheram a casa de lembranças e fotografias. A minha avó permaneceu de luto até o fim de sua vida e só saía de casa para a igreja ou para realizar visitas em que o assunto girava em torno do meu pai. Na verdade, meu pai foi muito levado, mas era muito querido pela família.

Revista Verde-Oliva – Qual o problema de saúde que o Sargento **Max Wolff** teve antes de ir para a guerra?

Hilda – Meu pai apresentou-se como voluntário e foi impedido de seguir para a Itália devido a um problema de hérnia. Internou-se, fez a cirurgia e seguiu para a Itália todo enfaixado.

Revista Verde-Oliva – Quando aconteceu a separação entre o seu pai e sua mãe?

Hilda – Eles separaram-se antes do meu pai embarcar para a Itália. Então, eu fui colocada como interna no Colégio

Nossa Senhora da Piedade, em Encantado, Rio de Janeiro, e o responsável por mim era um grande amigo dele, que se chamava Amaral.

Revista Verde-Oliva – É verdade que, depois da guerra, a senhora foi procurada por vários pracinhas que serviram com o seu pai?

Hilda – Sim. E as nossas conversas limitavam-se ao estado emocional de meu pai, nada sobre as ações de combate. Comentavam sobre a saudade e a tristeza que ele sentia, por estar afastado de seus parentes, e dos carinhosos comentários que fazia sobre sua filha. Então, eles visitavam-me para conhecer a filha querida do Sargento **Max Wolff Filho** e para comentar o que eles ouviram do meu pai.

Revista Verde-Oliva – Depois da guerra, muita coisa foi escrita por historiadores, escritores, jornalistas e outras pessoas. Alguns acham que seu pai possuía personalidade suicida em determinados momentos do combate e atribuíram isso à paixão que mantinha por sua mãe. Gostaríamos de ouvir sua opinião sobre o assunto.

Hilda – A separação dos meus pais aconteceu um pouco antes do embarque para a Itália e é certo que o meu pai tinha paixão pela minha mãe. Porém o fato de ser destemido nada tem a ver com qualquer vontade de morrer. Ser voluntário para as missões de patrulha, acredito que tenha sido uma forma de proteger os seus subordinados, que o apelidaram de “Carinhoso”. A defesa da Pátria era coisa dele. Nas cartas

que escrevia para a minha tia **Izabel**, ele não demonstrava qualquer sofrimento ou infelicidade, e sim sentia-se prestigiado por estar defendendo o seu país. Na última carta que me escreveu, em 31 de março de 1945, dizia da vontade que tinha de me ver, de me tocar e sentir os meus carinhos, portanto acho que ele tinha o desejo de voltar vivo.

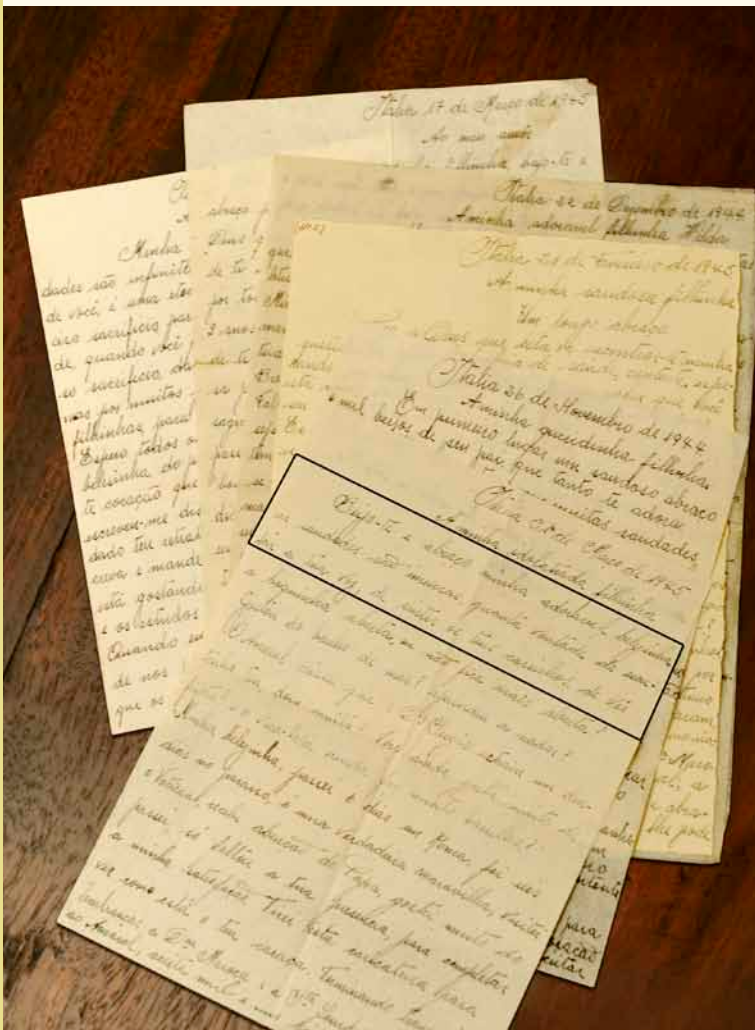
Revista Verde-Oliva – Como a senhora se sente ao ver o Exército Brasileiro prestar essas homenagens ao seu pai?

Hilda – Sinto-me lisonjeada e feliz. É um orgulho muito grande. Adoraria prescindir de todas as comemorações e tê-lo ao meu lado, mesmo velhinho. Ele não teve a oportunidade de me ver crescer, me formar, casar e ter filhos. Ele mesmo gostaria de ter outros filhos, pois eu sou filha única. Eu tenho quatro filhos e seis netos. Se ele estivesse aqui, seria uma glória. Ele participou fisicamente muito pouco de minha vida, mas em todos os momentos está presente em meu coração e na minha mente. Todas as noites eu peço a Deus que o tenha em um bom lugar, porque ele merece.

Revista Verde-Oliva – Dona Hilda, muito obrigado pela entrevista e fique à vontade para outras considerações.

Hilda – Gostaria de agradecer a oportunidade de falar sobre o meu pai – o Sargento **Max Wolff Filho**. É certo que a imagem do herói é muito forte e às vezes é a que fica, escondendo o lado humano da pessoa, no caso um pai amoroso, sereno e carinhoso. Obrigada por me fazer falar essas belas recordações. 🍷

Cartas do Sargento Max Wolff a sua filha Hilda



“Beijo-te e abraço minha adorável belezinha. As saudades são imensas, quanta vontade de escutar a sua voz...”





As Comemorações do Centenário de Nascimento do Sargento Max Wolff

O Exército Brasileiro, por intermédio da Escola de Sargentos das Armas e do 20º Batalhão de Infantaria Blindado, realizou, nos dias que antecederam e na data de 29 de julho de 2011, solenidades, de âmbito nacional, em Três Corações (MG) e em Curitiba (PR), relacionadas às comemorações do Centenário de Nascimento do Sargento Max Wolff Filho.



Dentre os eventos religiosos, foi celebrada missa em memória ao Sargento Max Wolff



Colocação de corbelha de flores no busto do Sargento Max Wolff pelo Chefe do Departamento de Ensino e Cultura do Exército, acompanhado pela filha e bisnetos do herói

Em Três Corações

A EsSA, cuja denominação histórica é “Escola Sargento Max Wolff Filho”, está sediada na cidade de Três Corações, distante cerca de 300 km de Belo Horizonte. Como forma de reverenciar o herói brasileiro, falecido na 2ª Guerra Mundial, esse estabelecimento de ensino desenvolveu uma extensa programação, que culminou com uma formatura militar no dia 29 de julho de 2011.

No dia 27 de julho, dando início às comemorações, foram celebrados um culto evangélico na Igreja Batista Central, uma missa na Igreja Matriz Sagrada Família e uma reunião espírita na própria Escola.

No dia 28 de julho, com o objetivo de destacar a vida e os feitos do Sargento **Max Wolff**, foi proferida uma palestra sobre esse herói militar, com a presença de sua filha, **Hilda Della Nina**, de seus bisnetos e de ex-pracinhas da Associação Nacional de Veteranos da FEB (ANVFEB) de Belo Horizonte. No mesmo dia, foi realizado o lançamento do Selo Comemorativo ao Centenário de Nascimento, com a participação de representante dos Correios, e a premiação do Concurso Literário sobre o tema “Sargento Max Wolff Filho, um herói brasileiro”. Além disso, foi preparado um painel sobre a vida do homenageado e uma exposição sobre a 2ª Guerra Mundial, realizada pelo Professor **Julio Cesar**, acadêmico detentor de extensos conhecimentos nessa área. Na oportunidade, a filha do Sargento **Max Wolff Filho** prestou depoimento a respeito da vida pessoal de seu pai. À noite, os convidados participaram de um jantar comemorativo, com a presença de autoridades civis e militares.

Na data magna, 29 de julho, em homenagem aos 100 anos do nascimento do herói brasileiro, foi realizada a formatura militar. A solenidade foi presidida pelo Chefe do Departamento de Ensino e Cultura do Exército e contou com a presença de autoridades civis e militares. No mesmo evento, foi depositada uma corbelha de flores junto ao busto do Sargento **Max Wolff Filho**, pela



Palestra proferida no auditório da EsSA

mais alta autoridade presente, acompanhado da filha e dos bisnetos do homenageado. Também foi entregue a “Medalha Sargento Max Wolff Filho” aos militares que se destacaram pela dedicação à profissão e pelo interesse no seu aprimoramento.

Logo após a formatura, houve a reinauguração do Espaço Cultural e da Biblioteca, ocasião em que todos puderam conferir fotos, livros, equipamentos e materiais característicos da 2ª Guerra Mundial.

Em Curitiba

O 20º BIB, cuja denominação histórica é “Batalhão Sargento Max Wolff Filho”, comemorou o Centenário de



Selo Comemorativo – Sargento Max Wolff Filho

Nascimento do herói da Força Expedicionária Brasileira (FEB) com a realização de atividades nos dias 28, 29 e 30 de julho de 2011.

A abertura foi realizada no dia 28 de julho com uma jornada cultural, com palestras sobre a vida do Sargento **Max Wolff**. Os palestrantes convidados foram a professora Doutora **Carmen Lúcia Rigoni**, o historiador militar, Coronel **Cláudio Skora Rosty** e o Chefe da 15ª Circunscrição de Serviço Militar, Coronel **Paulo Gilmar Marques Berguenmayer**.

No dia 29 de julho, foram lançados selo postal e carimbo comemorativos, reproduzindo a imagem do Sargento **Max Wolff**. Participaram do evento militares da guarnição de Curitiba e convidados.

Logo após, foi realizada a cerimônia militar alusiva aos 100 anos de nascimento do grande combatente da 2ª Grande Guerra. A solenidade foi presidida pelo Comandante da 5ª Região/5ª Divisão de Exército, destacando-se as imposições das medalhas “Sargento Max Wolff Filho” e “Batalhão Sargento Max Wolff Filho”, esta última concedida a militares e civis que tenham prestado relevantes serviços



Entrega da medalha Sargento Max Wolff Filho – 20º BIB



Lançamento do carimbo comemorativo – Sargento Max Wolff Filho – 20º BIB



Entrega de medalha – Campeonato de Tiro do 20º BIB



Formatura no 20º BIB

ao batalhão. Destacaram-se as presenças de ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira e de familiares do Sargento **Max Wolff**.

Encerrando as comemorações, no dia 30 de julho, foi realizada uma competição de tiro prático no Campo de Instrução Coronel Brasilguarany Arruda (CICBA), contando com participantes das Organizações Militares da guarnição, do CINDACTA II (Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo) e de civis. ➡



Resultado 2010

***Sistema Colégio Militar do Brasil
mais uma vez é destaque no
Exame Nacional do Ensino Médio***



Segundo matérias publicadas nos principais meios de comunicação, as escolas públicas que compõem a lista das 100 melhores no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2010 têm modelo de organização diferenciado e boa parte está vinculada às universidades públicas.

Ainda fazem parte desse grupo os Colégios Militares, os Institutos Federais de Educação Profissional e as Escolas Técnicas Estaduais. Em destaque na lista, surgem os Colégios Militares, que oferecem o ensino médio integrado à educação profissional.

Conhecidos pelo elevado padrão de disciplina, os Colégios Militares estimulam a participação dos alunos em competições escolares. Entre essas competições, estão as Olimpíadas de Matemática, Física e Química, nas quais seus alunos vêm apresentando resultados altamente positivos.

Verifique, abaixo, a planilha extraída do resultado do ENEM/2010, fornecido pelo Ministério da Educação, e constate a classificação de cada Colégio Militar, em seu respectivo estado, dentro dos universos das escolas público-privadas e públicas. —

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	ESCOLA	Ranking no Estado (pública/privado)	Ranking no Estado (pública)	MÉDIA NAS OBJETIVAS	MÉDIA NA REDAÇÃO	MÉDIA TOTAL
MINAS GERAIS	COLÉGIO MILITAR DE BELO HORIZONTE	6º	2º	685,34	746,25	715,8
MATO GROSSO DO SUL	COLÉGIO MILITAR DE CAMPO GRANDE	3º	1º	657,4	745,22	700,99
MINAS GERAIS	COLÉGIO MILITAR DE JUIZ DE FORA	20º	3º	665,49	726,64	695,87
RIO GRANDE DO SUL	COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE	1º	1º	677,15	710,89	693,69
RIO DE JANEIRO	COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO	46º	6º	652,41	719,74	685,93
PERNAMBUCO	COLÉGIO MILITAR DO RECIFE	7º	3º	644,89	709,95	677,42
BAHIA	COLÉGIO MILITAR DE SALVADOR	18º	3º	636,41	699,7	668,05
PARANÁ	COLÉGIO MILITAR DE CURITIBA	9º	3º	648,71	686,02	667,36
CEARÁ	COLÉGIO MILITAR DE FORTALEZA	11º	2º	640,98	690,24	665,41
AMAZONAS	COLÉGIO MILITAR DE MANAUS	4º	1º	607,72	675,36	641,54
RIO GRANDE DO SUL	COLÉGIO MILITAR DE SANTA MARIA	53º	6º	633,22	645,99	639,45
DISTRITO FEDERAL	COLÉGIO MILITAR DE BRASÍLIA	15º	1º	611,61	663,28	637,26

$$(2x + 5)^2 + 3x = 25$$

$$4x^2 + 20x + 25 + 3x = 25$$

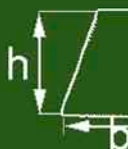
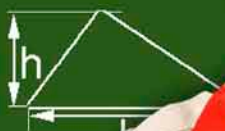
$$4x^2 + 23x = 0$$

$$x(4x + 23) = 0$$

$$x = 0 \text{ ou } 4x + 23 = 0$$

$$4x = -23$$

$$x = -23/4$$



Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas

Colégios Militares – Sensação na Olimpíada de Matemática

Alunos de escolas do Exército ganharam quase 40% das 500 medalhas de ouro. Dois deles disputam na Holanda competição mundial

Desde sua primeira edição, em 2005, até a sétima edição, neste ano de 2011, a Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) já premiou estudantes de várias escolas entre os melhores cérebros matemáticos da rede pública nacional. Entre os vencedores, no entanto, em todas as edições, sempre há alunos de Colégios Militares.

Na mais recente edição da Olimpíada (2010), com resultado anunciado no fim de junho, os estabelecimentos militares de ensino conquistaram 185 (37%) das 500 medalhas de ouro, recebidas das mãos da presidenta **Dilma Rousseff**, no Theatro Municipal do Rio. Dos dez primeiros colocados nos três níveis

da OBMEP, 20 são de instituições militares, incluindo dois alunos do Colégio Naval, no nível 3 (Médio).

Quase todos esses medalhistas são do Sistema Colégio Militar do Brasil. Esse sistema atende aproximadamente 14.400 alunos em 12 Colégios Militares, em diferentes cidades do Brasil, e na Fundação Osório, no Rio de Janeiro, nos níveis fundamental e médio.



Somadas a outras sete instituições militares vencedoras na OBMEP – como as escolas preparatórias das Forças Armadas e da Polícia Militar –, esses colégios representam apenas 0,00046% dos 40.377 estabelecimentos de ensino avaliados no País e ganharam quase 40% do total de medalhas.

Competiram 19,5 milhões de estudantes da rede pública de ensino.

Nas Olimpíadas de 2008 e 2009, o desempenho foi ainda melhor. Em 2009, 41% dos 300 ouros foram recebidas por colégios militares. No ano anterior, 39,3%.

Fonte: iG Rio de Janeiro / Rafael Gomide – 12/07/2011

Nossas OM



24º Batalhão de Caçadores

"Batalhão Barão de Caxias"



O 24º Batalhão de Caçadores foi criado pelo Decreto nº 30, de 22 de fevereiro de 1839, em Belém (PA), sob a denominação de 9º Batalhão de Caçadores. Em 1842 teve sua denominação alterada para 5º Batalhão de Fuzileiros. No dia 28 de setembro de 1868, após o combate de Surubihi, na Guerra do Paraguai, foi dissolvido e, posteriormente, reativado em São Luís (MA) em 31 de agosto de 1870, data em que se comemora o seu aniversário.

Após algumas mudanças, adotou a sua denominação atual de 24º Batalhão de Caçadores em dezembro de 1919, ocupando as atuais instalações desde 19 de abril de 1941, portanto há 70 anos.

O 24º BC é um lídimo representante das tradições das tropas de caçadores. O termo "Caçador" tem origem francesa. Em 1714, após o cerco de Praga, o Brigadeiro **Fisher** organizou uma Companhia de voluntários, formada por 60 cavaleiros e 40 infantes, cuja tática era combater nas vanguardas e invadir qualquer lugar que fosse necessário. Assim sendo, esses elementos ligeiros passaram a ser chamados "Caçadores".

A denominação histórica "Batalhão Barão de Caxias", recebida por intermédio da Portaria Ministerial nº 385, de 12 de junho de 1997, deveu-se às atuações do insigne Patrono do

Exército, **Luís Alves de Lima e Silva**, quando ainda Coronel, na pacificação da Balaia no Maranhão em 1838.

Em homenagem aos seus feitos, o Imperador resolveu promovê-lo a Brigadeiro e conceder-lhe o título de Barão de Caxias em 18 de julho de 1841. Para tanto, valeu-se do nome do lugar ao qual estava intimamente ligada a atuação do Coronel **Luís Alves de Lima e Silva**. Essa honra coube à cidade de Caxias, local onde se findou aquele conflito interno do período imperial brasileiro.

Durante sua existência, o 24º Batalhão de Caçadores participou de diversas missões, merecendo destaque as seguintes:

- combate à Coluna Prestes na divisa com o estado do Piauí;
- atuação na revolução de 1930 no estado da Paraíba;
- atuação na revolução de 1932 no estado de São Paulo;
- combate à Intentona Comunista de 1935, na cidade de Belém (PA);
- envio de 169 militares para compor a Força Expedicionária Brasileira (FEB);
- envio de um Pelotão para atuação na Missão das Nações Unidas para Estabilização no Haiti, em 2008; e
- envio de militares para atuação na MINUSTAH, no Haiti, em 2010.

São Luís

A cidade de São Luís, capital do Estado do Maranhão, apresenta riquezas naturais exuberantes com patrimônio arquitetônico e cultural indescritível. Possui gente diversa, valente e alegre; povo autêntico, que, a cada dia, descobre o seu potencial. É uma das grandes capitais do Nordeste, muito procurada por turistas e reúne entretenimento, folclore e cultura, além de uma rica história. E é aqui no cenário desta ilha próspera e acolhedora que está sediado o 24º Batalhão de Caçadores.



24º BC em ordem de marcha para operação



Centro de São Luís (MA)

A Unidade – Profissionalismo e Entusiasmo

O 24º BC é subordinado à 10ª Região Militar (10ª RM) e possui área aproximada de 67 hectares. Está estruturada da seguinte maneira: Comando; Estado-Maior; 1ª Companhia de Fuzileiros – “Companhia Gurupi” – tropa de pronto-emprego



Vista aérea da Unidade





Círculo Militar de São Luís – Praia do Calhau

do Batalhão e componente do “Batalhão Verdes Mares” da 10ª RM; 2ª Companhia de Fuzileiros, responsável pela instrução do Efetivo Variável; e Companhia de Comando e Apoio, cuja missão é apoiar a vida administrativa e operacional da Unidade. Integra também o Batalhão o Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva (NPOR), estabelecimento de ensino militar que tem por missão formar o futuro aspirante a oficial da reserva do Exército Brasileiro.

Como apoio à família militar, na Unidade existe o Posto Médico da Guarnição com ótimas instalações, encarregado do atendimento médico-odontológico e laboratorial, além de possuir uma seção de fisioterapia com excelente estrutura e apoiada por universitários de faculdades locais, que realizam seu estágio extracurricular nesse local.

Como áreas de lazer, o Batalhão possui o Círculo Militar de São Luís, sediado na Praia do Calhau, que conta com salão de festa climatizado, duas piscinas, quadra, campo de



Operação de Busca e Apreensão



Posto de Bloqueio e Controle de Estradas (PBCE)



grama sintética, área de churrasqueiras e quatro chalés para acomodar militares e dependentes em trânsito ou que visitam São Luís. A Unidade possui também o Grêmio Recreativo de Subtenentes e Sargentos, localizado em frente à Vila Militar, no Bairro de Fátima.



Fachada do 24º Batalhão de Caçadores – São Luís (MA)



Complexo de Tiro Ivan Loureiro

A Instrução

O 24º BC é organizado, equipado e instruído para cumprir as missões de defesa da Pátria e garantia dos poderes constitucionais, com ênfase, atualmente, nas missões de Garantia da Lei e da Ordem (GLO), destacando-se as instruções de Posto de Bloqueio e Controle de Estradas (PBCE), Posto de Segurança Estático (PSE) e Operações de Busca e Apreensão (OBA). Ressalta-se ainda a participação do Batalhão em diversas ações subsidiárias em apoio aos governos estadual e municipal.

Fazendo honrar o lema do Comando Militar do Nordeste de "Profissionalismo e Entusiasmo", as frações do Batalhão realizam o adestramento na instrução de tiro em um moderno estande. Inaugurado nas instalações do 24º BC, em junho de 2008, o "Complexo de Tiro Ivan Loureiro" é palco de grandes torneios realizados em parceria com a Federação Maranhense de Tiro Esportivo.



Posto Médico

Comunicação Social

A voz e a cara da Unidade

O 24º BC possui uma excepcional integração com a população ludovicense e maranhense. Isso é fruto da grande penetração que tem na sociedade local, particularmente por meio do programa de rádio "Informativo Militar", que vai ao ar nas manhãs de sábado, e do programa televisivo "Força Brasil", que é veiculado nas manhãs de sábado e domingo. Essa iniciativa precursora permite ao Batalhão difundir as atividades locais e nacionais do nosso Exército e, ainda, das outras Forças Singulares e Forças Auxiliares. —



Melhor Gestão do Projeto Soldado-Cidadão 2010



Unidade militar vencedora do “Prêmio Melhor Gestão do Projeto Soldado-Cidadão”

O 61º Batalhão de Infantaria de Selva (61º BIS), localizado na cidade de Cruzeiro do Sul (AC), é uma Organização Militar do Exército Brasileiro que tem por missão vigiar a faixa de fronteira, em sua área de responsabilidade, proporcionando alerta oportuno sobre ameaças que possam comprometer a integridade do território nacional.

Também é responsável por garantir a inviolabilidade da fronteira terrestre, prevenir e dissuadir atividades hostis e ameaças externas, atuar de modo preventivo, repressivo e operativo contra ameaças ou agressões de ordem interna (Garantia da Lei e da Ordem – GLO), cooperar no combate aos ilícitos e crimes transnacionais, e apoiar as ações de defesa civil. No ano de 2010 a Unidade obteve o melhor desempenho no Projeto Soldado-Cidadão.

“O Projeto Soldado-Cidadão, desde a sua implantação, já capacitou no Exército mais de 160.000 jovens, dos quais cerca de 70% encontraram colocação no mercado de trabalho”

O que é Projeto Soldado-Cidadão

O “Projeto Soldado-Cidadão” (PSC) teve sua origem em 2002, na cidade do Rio de Janeiro, com o “Projeto de Qualificação de Mão de Obra”. A partir de 2004, adquiriu projeção nacional, com a participação da Marinha e da Aeronáutica, abrangendo todos os estados brasileiros e o Distrito Federal. A Fundação Cultural Exército Brasileiro (FUNCEB) realizava o planejamento das ações, o gerenciamento dos recursos e a supervisão do PSC no

Exército. Em junho de 2007, o Comandante do Exército encarregou o Comando de Operações Terrestres (COTER) da execução do projeto em todas as suas etapas.

O PSC está inserido no Programa de Assistência e Cooperação das Forças Armadas à Sociedade Civil, sob a responsabilidade do Ministério da Defesa. Tem como finalidade proporcionar uma qualificação profissional aos militares temporários carentes ou em situação de risco social, possibi-

lando melhores condições de ingresso no mercado de trabalho ao término do Serviço Militar. Sua operacionalização envolve organizações militares e entidades civis de ensino profissionalizante, entre elas as pertencentes ao Sistema “S” (SENAI – SENAC – SENAT – SENAR).

Alguns militares, cuja formação exige experiência para competir no acesso ao mercado de trabalho, têm sido aproveitados em setores

específicos, como Serviços Gerais (eletricistas, pedreiros, marceneiros, pintores etc), Aproveitamento (cozinheiros, padeiros, garçons etc), Transportes (mecânicos, motoristas categoria “D”, motoristas de veículos de emergência, pintura automotiva, etc), Saúde (auxiliares de laboratório e de farmácia), Seções de Informática (montagem e manutenção de redes, webdesigner etc), entre outros. Dessa maneira, o PSC tem contribuído, também, para a melhoria da mão de obra das Organizações Militares.



Curso de máquinas pesadas

Desde a sua implantação, já capacitou no Exército mais de 160.000 jovens, dos quais cerca de 70% encontraram colocação no mercado de trabalho.

Histórico do 61º Batalhão de Infantaria de Selva

Suas origens remontam ao ano de 1942, quando foi criado com a denominação de Segundo Batalhão de Carros de Combate (2º BCC). Em janeiro de 1943, foi organizado e instalado na cidade do Rio de Janeiro, então Capital Federal, sendo seu primeiro Comandante o Major de Infantaria **Pedro Massena Júnior**. Em abril de 1943, foi transferido para Natal (RN), onde, por efeito da 2ª Guerra Mundial, iria estacionar por 17 meses, num quartel improvisado, defendendo uma das maiores bases aéreas norte-americanas, a de Parnamirim (RN).

No ano de 1944, o 2º BCC embarcou com destino ao Sul do País, nos vapores “Almirante Jaceguay” e “Santarém”, que chegaram ao Rio de Janeiro, com escala em Recife (PE). Do porto do Rio de Janeiro, o Batalhão deslocou-se por via férrea até a cidade de Caçapava (SP), onde ocupou o aquartelamento do então 6º Regimento de Infantaria, hoje 6º BIL.

Em 1945, passou a denominar-se 2º BCCL (Batalhão

de Carros de Combate Leves). No mesmo ano, o Batalhão deslocou-se para São Paulo (SP), acampando nas proximidades do QG por um breve período, de onde iniciou o deslocamento para Santo Ângelo (RS), sua nova sede.

Em 1973, deixou de ser uma Unidade blindada – 2º BCCL – para tornar-se uma OM motorizada, passando a denominar-se 61º Batalhão de Infantaria Motorizado (61º BIMtz).

Finalmente, com a Portaria Ministerial nº 36-Res, de 10 de julho de 1992, o 61º BI Mtz mudou sua sede para Cruzeiro do Sul (AC), ocupando as antigas instalações do 7º BECnst. Transformou-se então, em Unidade de Selva, com o nome de 61º Batalhão de Infantaria de Selva.

O Projeto Soldado-Cidadão no 61º BIS

O 61º Batalhão de Infantaria de Selva tem promovido Cursos de Especialização por meio do Projeto Soldado-Cidadão. O Projeto tem sido de grande valia, não só para a OM, mas principalmente para a região do Alto Juruá, no Acre, pois tem possibilitado capacitar e qualificar mão de obra, em área tão distante e isolada, situada no extremo oeste do nosso País.

Assim, nos anos de 2009, 2010 e 2011, foram qualificados por volta de 300 militares, os quais, após retornarem para a vida civil, têm sido absorvidos pelo mercado de trabalho, bastante ávido por mão-de-obra qualificada. O ex-soldado **Joel Andreola da Costa**, por exemplo, realizou o Curso de Operador de Máquinas Pesadas, no corrente ano, e já está contratado pela firma Guascor, localizada em Cruzeiro do Sul.



José Andreola da Costa – Ex-soldado

“Graças ao curso que realizei quando era soldado do Exército Brasileiro, hoje estou empregado e muito feliz com minha nova profissão”

Ex-soldado Joel Andreola



Premiação do 61º Batalhão de Infantaria de Selva pelo Ministério da Defesa

Além disso, outros ex-militares têm empreendido seu próprio negócio, como, por exemplo, Reginaldo Gonçalves da Silva, que realizou o curso de Padeiro em 2009 e, com a indenização pecuniária recebida mais a economia (poupança) que fez quando estava na caserna, abriu uma padaria, de onde tem tirado o sustento para sua família e está construindo sua moradia.

“Posso sustentar minha família com dignidade, além de poder ajudar outras famílias, haja vista, que trabalham comigo três pessoas, que usufruem desta mesma fonte de renda”

Reginaldo Gonçalves da Silva

Dessa maneira, o Projeto Soldado-Cidadão, por intermédio do 61º BIS, tem contribuído para o fomento social e econômico da região do Alto Juruá, no Acre (extremo oeste do Brasil).



Curso de Carpintaria Naval

Premiação do 61º BIS em Brasília

Em 2010, o Ministério da Defesa instituiu o “Prêmio Melhor Gestão do Projeto Soldado-Cidadão”, com a finalidade de incentivar e divulgar boas práticas de gestão no PSC. O 61º Batalhão de Infantaria de Selva, localizado em Cruzeiro do Sul (AC) recebeu o referido Prêmio pela execução do curso de carpintaria naval, com a construção de uma embarcação de 10 toneladas, batizada de Soldado-Cidadão, que serve hoje como transporte fluvial para aquela Organização Militar.

No dia 8 de dezembro de 2010, o então Ministro da Defesa, **Nelson Jobim**, presidiu a entrega do prêmio “Melhor gestão do projeto Soldado-Cidadão” ao 61º BIS. O evento foi realizado no Clube Naval e contou, também, com as presenças do Comandante do Exército, General-de-Exército **Enzo Martins Peri**, e de autoridades militares e civis. —

III ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA SOBRE AS OPERAÇÕES BÉLICAS DA GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA



Período: de 27 a 30 de outubro de 2011

Realização:

Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHGMS) e Exército Brasileiro

Tema: Agentes e Roteiros

Programação:

☒ 27 de outubro de 2011 – Palestras e Comunicações

☒ Local: Federação das Indústrias de Mato Grosso do Sul (FIEMS)

Av. Afonso Pena, 1206 – 4º Andar, Centro, Campo Grande (MS)

☒ 28 a 30 de outubro – Visitas aos sítios históricos da Retirada da Laguna e Cerro Corá:

NIOAQUE

BELA VISTA

PONTA PORÃ

JARDIM

CERRO CORÁ

COLÔNIA MILITAR DOS DOURADOS

FAZENDA LAGUNA (PARAGUAI)



Simuladores para o treinamento de tropas blindadas

A Tecnologia está presente em tudo ao nosso redor, no nosso dia a dia. Para o Exército, isso não é diferente. Diversos equipamentos operacionais já possuem uma gama de apetrechos e inovações que exigem do militar que irá operá-los uma especialização adequada. E, para isso, uma forma rápida e econômica de treinamento é adotada, visando até mesmo preservar o material: a Simulação. Esse princípio de treinamento, embora amplamente difundido nos tempos atuais, já havia sido empregado no passado, como forma de “imitar o meio real” e possibilitar o conhecimento de uso do material sem a necessidade de efetivamente empregá-lo nos campos de batalha.

Simuladores para o treinamento de tropas blindadas não são novidade no Exército Brasileiro. Mesmo a viatura de reconhecimento Cascavel (VBR EE-9), produzida pela empresa brasileira ENGESA, já possuía um equipamento para o treinamento do atirador: o “Sistema de Simulação de Tiro para a VBR Cascavel”, construído no final dos anos 80.

Com a aquisição das viaturas blindadas Leopard 1A1 da



Equipamento de simulação Talafit (Tank Level Aiming and Firing Trainer)

Bélgica, o Exército recebeu junto o equipamento de simulação Talafit (*Tank Level Aiming and Firing Trainer*). O Talafit, bastante similar ao simulador produzido pela ENGESA, também tinha como objetivo o treinamento do atirador, não contemplando o restante dos integrantes da guarnição.

Ainda na década de 90, iniciou-se o desenvolvimento dos simuladores voltados às manobras táticas. Entretanto esses simuladores contemplavam comandantes e seus estados-maiores. Mesmo assim, pode-se verificar a importância desses equipamentos para o treinamento das ações de pequenas frações, até o nível subunidade.

Problemas encontrados

A introdução dos equipamentos de simulação – voltados para o treinamento de atiradores – não ocorreu de maneira satisfatória por diversos motivos. Dentre esses motivos, estavam a inexigibilidade do uso do equipamento pelos Programas-Padrão de Qualificação, a falta de simuladores para os outros membros da guarnição, a inexistência de exercícios que exigissem um trabalho conjunto de todos os tripulantes das viaturas blindadas, as dificuldades para a criação e implantação de uma metodologia para o processo ensino-aprendizagem, além da falta de estabelecimento e normatização de parâmetros que validassem a qualificação do instrutor. A consequência desses óbices foi a descrença de que o treinamento com os equipamentos realmente pudesse qualificar bons atiradores, motoristas, auxiliares de atirador e comandantes das viaturas blindadas.

O Projeto Leopard 1 e os novos equipamentos de simulação

O Exército Brasileiro iniciou, no começo desta década, o processo para a aquisição de uma nova viatura blindada sobre lagartas, que substituisse os Leopard 1A1 e os M60A3TTS. Juntamente com a aquisição dos Leopard 1A5, foram adquiridos os equipamentos de simulação e contratados cursos para a utilização desses materiais. Paralelamente, o Centro de Instrução de Blindados passou a visitar outros países, como o Chile e a Alemanha, para verificar como eram qualificados os recursos humanos naqueles exércitos. A partir de então, iniciaram-se os estudos para adaptar e produzir metodologias e conceitos próprios, adequados às necessidades e características brasileiras.

O Projeto Leopard contempla a aquisição de diferentes simuladores virtuais, alguns dos quais ainda não chegaram ao Brasil. Cada equipamento possui um foco específico de treinamento. Combinados, eles possibilitam a qualificação individual de cada integrante da guarnição e o adestramento das pequenas frações até o nível subunidade.

Os simuladores virtuais de procedimento são equipamentos que reproduzem os materiais de emprego militar (MEM) reais – ou as partes mais importantes desses

materiais – com o objetivo de treinar militares individualmente ou a tripulação, para a utilização normal ou degradada do equipamento real. Para isso, é possível inserir comandos no equipamento, que reproduzem, com fidelidade, panes similares às do equipamento real. Os Simuladores de Procedimentos visam, principalmente, possibilitar a interação do homem com a máquina e, caso seja possível, com o restante da tripulação. Esses equipamentos deverão ser utilizados intensamente nas fases iniciais de treinamento. O Exército adquiriu sete Simuladores de Procedimento de Torre (SPT) – destinados aos Regimentos dotados do carro de combate Leopard 1A5



Simulador de Procedimento de Torre – SPT

– e um Simulador de Procedimento de Torre Especial – que será instalado na Academia Militar das Agulhas Negras. Além disso, foram adquiridos oito Simuladores de Procedimento para o Motorista, com as mesmas características dos SPT, os quais também serão destinados aos Regimentos já citados.

Além dos Simuladores de Procedimentos, o Exército Brasileiro comprou os Treinadores Sintéticos, possibilitando a complementação do treinamento, conforme visto anteriormente. Os Treinadores Sintéticos são Simuladores Virtuais que integram periféricos de computadores (*hardwares*) similares às partes mais importantes do equipamento real, a um programa de computador que reproduz as mesmas características de um cenário real. No Brasil, existem dois tipos de Treinadores Sintéticos – os Treinadores Sintéticos de Blindados – composto por cabines que reproduzem o interior do compartimento de combate, estações dos motoristas e por uma estação do instrutor – e os Treinadores Sintéticos Portáteis – constituído por caixas, cada uma das quais reproduzindo uma função específica do equipamento além de uma caixa destinada à estação do instrutor. Os Treinadores Sintéticos permitem o treinamento de níveis individuais, passando pelo



Treinador Sintético de Blindado – TSB

treinamento integrado das guarnições, até o nível subunidade. O Projeto Leopard contemplou cada Regimento dotado do carro de combate Leopard com um Treinador Sintético Portátil – VBC CC Leopard e os Batalhões de Engenharia dotados das viaturas de combate de Engenharia e lançadora de pontes dos Treinadores Sintéticos específicos. O Centro de Instrução de Blindados irá concentrar os Treinadores Sintéticos de Blindados, os quais serão empregados para os treinamentos das seções, pelotões e subunidades.

Outro equipamento que foi adquirido junto com o Projeto Leopard é o Dispositivo de Simulação de Engajamento Tático

(DSET) – BT 4I. O BT 4I emite três feixes de laser, que, por interpolação, reproduzem as trajetórias dos diversos tipos de munição empregados pelo carro de combate Leopard IA5. Além disso, possuem receptores que indicam, caso sejam impactados pela combinação dos lasers emitidos, os danos que o tiro real poderia produzir. O BT 4I pode ser empregado, também, pelos Simuladores de Procedimento da Torre contra alvos sensorizados – fixos ou móveis – possibilitando o treinamento do tiro das guarnições com uma considerável economia de recursos. Dessa forma, há a possibilidade de empregar os BT4I tanto em simulações vivas – que simulam o combate real – quanto nos treinamentos de tiro, de forma eficaz e barata.

Novas metodologias e demandas do Projeto Leopard

O Centro de Instrução de Blindados, desde o ano de 2006, emprega simuladores virtuais para o treinamento das tropas blindadas. Com a aquisição das novas viaturas da família Leopard pelo Exército Brasileiro, o desenvolvimento de uma nova metodologia de treinamento empregando-se simuladores foi impulsionada, aumentando-se a necessidade de aquisição de Simuladores Virtuais para Aprendizagem.

Os Simuladores Virtuais para Aprendizagem são programas de computador que visam o desenvolvimento da



Treinador Sintético Portátil – TSP



Dispositivo de Simulação de Engajamento Tático (DSET) - BT 41

área cognitiva dos instruídos, não exigindo a necessidade de periféricos (*hardwares*) especiais. Além de possuírem um custo de aquisição reduzido, os Simuladores Virtuais para Aprendizagem possibilitam a realização das manobras complexas de uma Força-Tarefa, viabilizando a integração dos diversos Sistemas Operacionais de Combate existentes no Exército Brasileiro. Atualmente, o Centro de Instrução de Blindados possui as licenças do Simulador Virtual de Aprendizagem *Steel Beasts – Professional*, desenvolvido pela empresa norte-americana *eSim Games*.

O estabelecimento de parâmetros a serem atingidos é um fator imprescindível para a realização de treinamentos utilizando simuladores. Assim, o Centro de Instrução de Blindados desenvolveu um programa para a avaliação dos resultados. Dessa forma, empregando-se dados objetivos verificados ao longo do treinamento, pode-se chegar à conclusão de que o instruído atingiu ou não as metas do exercício e qual foi o seu desempenho.

A aquisição dos simuladores virtuais acarretou, ainda, uma nova demanda: a criação de cenários.

Cenário é um ambiente virtual que reproduz situações que podem ocorrer em um campo de batalha ou nos exercícios em condições específicas de treinamento. Cada cenário possui objetivos e padrões bem definidos a serem alcançados pelos instruídos e necessita de uma metodologia específica para sua confecção. A fim de adquirir tal metodologia, o Exército Brasileiro realizou cursos em outros países que possuem material de simulação semelhante. Atualmente, o Centro de Instrução de Blindados possui militares aptos a ministrar esses conhecimentos e planeja inserir a matéria em um novo curso, voltado aos Instrutores Avançados de Tiro.



Simulador virtual de aprendizagem *Steel Beasts - Professional*

Conclusão

Vários países empregam a simulação virtual como forma de treinamento eficaz de suas tropas. O desenvolvimento tecnológico, sobretudo a evolução cibernética, possibilita novas formas de reproduzir as dificuldades encontradas nos campos de batalha nos treinamentos. Não se trata apenas de economia, mas, sim, de eficácia operacional, fundamental para a decisão das guerras atuais.

Dentre as várias inovações que surgiram com a implantação do Projeto Leopard, a implementação intensiva e metodizada da simulação para a formação de recursos humanos colocam o Exército Brasileiro sintonizado com o panorama mundial.

Por fim, cabe ressaltar que a utilização de simuladores não é o fim em si da instrução, mas, sim, um meio fundamental para alcançá-lo. ➡



Sargento Bicca – Auxiliar de Saúde da Companhia de Engenharia de Força de Paz do Haiti

Mulheres do Exército no Haiti

Ao longo dos últimos anos, em todo o mundo, as mulheres têm conquistado cada vez mais espaço na sociedade. Dentro desse cenário, destaca-se o avanço feminino em diversas áreas profissionais. Nas Forças Armadas, isso não é diferente, muito menos na Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti.

 Exército Brasileiro, há seis anos, vem fazendo um trabalho que muito orgulha a Nação brasileira: prestando assistência aos irmãos do Haiti. A felicidade e a satisfação de estar contribuindo para que o país e a população se reergam são sentimentos comuns

entre todos os integrantes da tropa brasileira. Por esse e outros motivos, é comum encontrarmos pelas ruas haitianas com a camisa do Brasil ou gritando “Brasil”. As crianças haitianas são as mais entusiasmadas sempre que avistam um soldado brasileiro.

Somando-se às dificuldades enfrentadas pelo Haiti, em 12 de janeiro de 2010, um devastador terremoto assolou o país. O abalo sísmico causou muita destruição e milhares de mortes, entre elas 18 militares do Exército Brasileiro. Em determinados locais da cidade, ao andar pelas ruas, a sensação é de que o terremoto acabou de acontecer. Prédios em ruínas, muito lixo, uma quantidade enorme de pessoas





Entrevista à Band News

morando em acampamentos de deslocados (nome dado aos acampamentos das pessoas que perderam suas casas durante o terremoto) e o cólera endêmico caracterizam o grau de dificuldades e miséria por que vem passando o Estado haitiano.

No 13º contingente, dentre os integrantes da tropa brasileira, foram enviadas 13 mulheres do Exército e uma da Marinha do Brasil. Durante o período de permanência naquele país, desempenharam variadas funções: intérprete de francês e inglês, médica, dentista e enfermeira. Elas são as personagens dessa história cheia de superlativos: trabalho em excesso, distância enorme de casa, adversidades climáticas e imensa satisfação a cada sorriso da população haitiana.

Conheça um pouco do trabalho realizado por elas, suas opiniões, as dificuldades superadas e, sobretudo, a clara satisfação do dever cumprido e a lição de solidariedade que trouxeram do Haiti.

Depoimentos

1º Tenente Médica Fabiana Balbino Santana Funk
(BRABATT I)

“Para a nossa vida, a missão no Haiti foi uma experiência única e ímpar.”

Capitão-de-Corveta Médica Daniela Nogueira Leal Moura

“Eu me voluntariei assim que ocorreu o terremoto e compus a equipe de médicos que montariam o hospital de campanha. Seríamos um grupo de apoio com 100 pessoas. Então nos reunimos e chegamos a fazer as malas. Porém acabei partindo somente no segundo semestre de 2010 e estou muito feliz por ter tido essa oportunidade.”

Major QCO Gizele Santos de Araújo (BRAENGCOY)

Missão: “Era um desejo que eu tinha, era uma meta a alcançar e, para isso, a minha dedicação ao estudo do idioma francês foi a porta de entrada para conseguir esta missão. Quando surgiu a oportunidade da Companhia de Engenharia enviar as primeiras mulheres em seu contingente, fui designada

devido a minha experiência e habilitação na língua francesa.”

Mais antiga e pioneira: “Sinto-me muito orgulhosa de fazer parte desse grupo tão seleto. Como integrante do contingente, pude verificar o esforço, o conjunto e a beleza do trabalho que é realizado. Particularmente o da Engenharia do Exército Brasileiro, que é um trabalho muito bonito, visível, concreto e presente. Fazer parte do grupo de pioneiras com a Engenharia e ser a mais antiga é um fator diferencial e sinto que foi uma consideração muito grande em relação a minha pessoa.”

Treinamento: “O treinamento foi feito no Rio Grande do Sul, num período em que as condições do clima são um pouco difíceis (baixas temperaturas). À exceção dos gaúchos, boa parte do contingente encontrou dificuldades nos treinamentos, por ser oriundo do Nordeste, da Amazônia, do Centro-Oeste e do Estado do Rio de Janeiro. Os conhecimentos adquiridos e as experiências apresentadas nos fazem sentir a



real importância da missão e nos preparam para enfrentar as situações que serão encontradas durante o seu cumprimento. Tudo que se vivencia no treinamento, em algum momento, será apresentado no Haiti. São as situações mais inusitadas de convívio com a população, de entendimento da língua francesa, de atendimento aos estrangeiros e de segurança pessoal e da tropa. Os treinamentos são intensos e repetidos até que os conhecimentos sejam assimilados. A preocupação principal é ficarmos em condições de agir com correção em uma situação real.”

Adversidade Climática: “No nosso treinamento, enfrentamos situações em que tivemos de simular auxílio e socorro à população em caso de enchentes, porque enfrentaríamos um período do ano muito propício a furacões, tempestades tropicais e inundações. No Haiti, em determinadas regiões, as enchentes são frequentes. Nós tivemos a oportunidade de realizar treinamentos utilizando botes salva-vidas e com militares especializados em resgate. Na base, no Haiti, nos preparamos com antecedência para o pior, reforçamos todas as instalações com o máximo de segurança possível para que pudéssemos auxiliar a população quando fosse necessário.”



1º Ten Michelle Brandão em visita ao Orfanato Blessing Hands, em Porto Príncipe-Haiti

Dificuldades: “Não senti tantas dificuldades na missão. Temos um tempo de afastamento da família, mas também nos é dada a folga, quando é permitido viajar para “desopilar”, sair do confinamento, rever os familiares, voltar para o Brasil, ou mesmo fazer uma viagem de passeio, distrair-se. Conviver com a população também não é uma dificuldade, porque os haitianos são muito receptivos, hospitaleiros, muito parecidos com o povo brasileiro. Apesar da pobreza e de todas as dificuldades, aprendemos a lidar com os acontecimentos. As nossas instalações nos proporcionam um mínimo de conforto para nos sentirmos tranquilos e para que possamos desenvolver o nosso trabalho.”

Saudade: “Hoje podemos contar com os meios de comunicação de última geração, que antes não existiam. Não só pelo telefone, como também através da rede mundial de computadores de excelente qualidade, temos a possibilidade de ter um contato direto com nossa família. Difícilmente ficamos sem conexão, graças à tecnologia. Essa saudade então é aplacada, digamos assim.”

Vaidade: “Cada uma de nós tem as suas próprias características, seus próprios apetrechos, colocados na bagagem. Viajamos preparadas. O comércio do Haiti não tem aquela variedade que encontramos no Brasil, mas atende. Embora não necessite de grandes detalhes, nos preocupamos em estar arrumadas, com maquiagem leve,

cuidados com a pele, porque o sol é muito quente e a temperatura é sempre alta, ressecando a pele com facilidade. Levamos aqueles creminhos, que fazem os colegas comentar, em tom de brincadeira, que as malas das mulheres são mais pesadas. Lidamos com isso tranquilamente.”

Lazer: “Trabalhamos o dia inteiro, então não sobra muito mais do que a noite para descansar, isso quando não há uma atividade extra. Nos finais de semana, aos domingos, porque trabalhamos inclusive aos sábados, costumamos fazer atividades físicas: vôlei de areia, exercícios na academia e corridas. Também aos domingos, como uma família, nos reunimos para um churrasquinho, um bom filme, uma boa música no violão ou uma roda de chimarrão com os gaúchos.”

Trabalho no Orfanato: “Não é a nossa atividade-fim, mas o trabalho com a população está ali, sempre em paralelo com as tropas. A finalidade das tropas, ao virem para o Haiti, é manter a paz, a segurança e a estabilidade. No entanto não podemos ficar alheios à miséria e à pobreza, que existe a nossa volta. Em nosso orfanato, estamos tentando fazer valer o chavão ‘as crianças são o futuro, o amanhã’, não só aqui mas em qualquer lugar do mundo. Procuramos ajudar essas crianças para tentar abrandar um pouco os males causados pelo terremoto. Há muitos pequenos órfãos, ou aqueles que os pais não têm condições de sustentar. Além



Major Gizele – Formatura da Força de Paz

da parte material, procuramos dar um pouco de carinho.”

Ação-Cívico Social (ACISO): “Nós fazemos ACISO o tempo todo. Prestamos essa assistência não só ao Orfanato Blessing Hands – que significa Mãos Abençoadas – mas a dois ou três outros orfanatos. Costumamos dar o nome de ACISO quando envolvemos a companhia como um todo. É isso que oficialmente se chama de ACISO, mas a gente acaba fazendo isso todo dia para o Blessing Hands. Além de distribuímos água, também fornecemos alimentação, vestuário, assistência médica e até gás de cozinha. Nossa médica e enfermeiras periodicamente acompanham o

desenvolvimento das crianças. No dia 12 de outubro, quando no Brasil estamos acostumados a comemorar o dia das crianças, fizemos um dia de festa aqui. Trouxemos as crianças e proporcionamos a elas um dia inteiro de brincadeiras e alegria.”

Experiência: “A experiência que adquirimos ao participar de uma missão de paz é incontável. Profissionalmente, crescemos muito, pois temos a oportunidade de trabalhar junto a militares capacitados. É uma troca de aprendizado. Como experiência pessoal, aprendemos a ter uma visão do mundo diferente da que tínhamos. Aprendemos a dar valor ao nosso País e às mínimas atitudes. Quando nos deparamos com a situação de necessidade e miséria do Haiti, a nossa contribuição nos faz sentir como uma peça da engrenagem, fazendo a roda girar. Sentimo-nos parte daquele mundo e isso é uma emoção incontável. Nunca voltamos da missão sendo a mesma pessoa.”

– 3º Sargento Monique Silva Nascimento, Técnica em Enfermagem (BRABAT I)

Missão: “Eu não pensava em vir para o Haiti. Isso não passava pela minha cabeça. Meu objetivo era estudar e me aperfeiçoar. Surgiu uma vaga para 3º sargento de Saúde, no Hospital de Florianópolis, onde eu sirvo. Por encaixar-me nesse perfil, recebi uma ligação telefônica, perguntando-me se eu era voluntária. Aceitei o desafio e comecei todo o processo.”



Sargento Hellen – Trabalho social com crianças em Porto Príncipe



Visita a abrigo em Porto Príncipe

Dificuldades: “O treinamento realizado em Florianópolis com os militares componentes do contingente da Segunda Companhia, destacados no Ponto Forte I 6, foi o período de maior dificuldades. Pude sentir como seria a missão no Haiti e também foi notório o respeito que conquistei devido ao meu trabalho. Como única sargento de Saúde do segmento feminino no BRABATT I/13, posso andar de cabeça erguida porque sempre estive pronta para cumprir as missões e sem qualquer diferença dos demais integrantes da Companhia. É uma realização muito grande, pois esses pequenos detalhes marcaram bastante a minha vida. Dessa forma, eu consigo ver o meu crescimento pessoal e profissional.”

Apoio à população: “A população haitiana vê nos brasileiros um refúgio. Aonde chegamos, a primeira sensação dos habitantes é de segurança. Tudo aqui é fundamental e necessário e a nossa maior recompensa é ver os olhos da população brilhando de felicidade por estar recebendo um pouco de atenção e carinho, particularmente as crianças. O apoio acontece em todos os momentos. Às vezes, torna-se necessário o atendimento a uma criança ou a uma mãe durante as operações.”

Saudade: “Por ser solteira, tive mais facilidade para lidar com a saudade. Costumo dizer que, eu se fosse casada e com filhos, talvez não tivesse participado da missão. Mas, como temos um ideal, agradeço a Deus todos os dias pela oportunidade de vida única, pois foi o melhor período da minha vida. Resolvemos a nossa saudade pela rede mundial de computadores e pelo telefone.”

Vaidade: “Nós gostaríamos muito de que tivesse lá um “Salão Brasil”, seria o ideal. Mas tentamos suprir as nossas necessidades, principalmente nos fins de semana. Por ser vaidosa, cuido bastante dos meus cabelos, unhas e sempre tenho um gloss para a boca. E ainda falando em feminilidade, nós, mulheres, temos preocupação com a tensão pré-menstrual, que, no Haiti, sofre muitas alterações. Nós da área de Saúde, de forma alguma deixamos o nosso humor cair, principalmente quando o militar chega desanimado e está longe de seus familiares. Eu tinha o prazer de tentar deixá-lo confortável, para que saiba de sua importância para nós, pois o combate continua.”

Aprendizado: “Em Porto Príncipe, tudo é novo, a cabeça sofre um reverterio. No primeiro mês de missão, aprende-se a conviver com situações de pobreza e com a falta de saneamento básico. Na base do Exército, aprende-se a viver de certa forma confinada, a conviver com militares dos mais diversos locais do Brasil e adquirem-se novos hábitos. Acredito que o fundamental é trabalhar o nosso campo psicológico, pois, se a cabeça estiver bem, a missão torna-se extremamente fácil. No meu caso, foi maravilhosa e só tenho de agradecer a Deus. Quando Deus nos leva para algum lugar, Ele sempre nos prepara. Foi o que aconteceu comigo, por isso fico emocionada.” 🍌

MICHELLE BRANDÃO

1º Tenente do COTER em visita ao Haiti

Muito Obrigado de um Rondonista



Jovens participantes do Projeto Rondon no 52º Batalhão de Infantaria de Selva – Marabá (PA)

O Projeto Rondon recebeu este nome em homenagem ao Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, que teve a sua vida dedicada a bem servir à Pátria como militar e intrépido sertanista, destacando-se tanto na área das comunicações quanto no relacionamento com os povos indígenas.

A História do Projeto Rondon

Criado em 1967, nas décadas de 1970 e 1980 permaneceu em franca atividade, tornando-se conhecido em todo o Brasil, devido aos consideráveis benefícios que realizava na área do bem-estar social e de uma melhor compreensão da problemática nacional que proporcionava aos rondonistas. No final dos anos oitenta, o Projeto deixou de receber prioridade no Governo Federal, sendo extinto em 1989.

Em 2005, o Projeto Rondon voltou a figurar na pauta dos programas governamentais, sendo atribuída a sua

coordenação ao Ministério da Defesa. Desde então, já levou mais de 11.000 rondonistas a cerca de 700 municípios.

Hoje, encontra-se em processo de consolidação, com uma procura cada vez maior pelas universidades e pelos universitários. O Rondon é mais que um projeto educacional e social. É uma poderosa ferramenta de transformação social, na medida em que conscientiza jovens, que terão nas mãos o destino deste País, da importância do seu papel de protagonista na busca de uma sociedade mais justa.

Particularidades do Projeto Rondon

É um projeto de integração social, que envolve a participação voluntária de estudantes universitários na busca de soluções que contribuam para o desenvolvimento sustentável de comunidades carentes e ampliem o bem-estar da população. Conta com a colaboração dos Governos Estaduais, das Prefeituras Municipais e de empresas socialmente responsáveis.

É realizado em parceria com diversos Ministérios e tem o apoio das Forças Armadas, que, aproveitando-se de sua capilaridade por todo o território nacional, proporciona o suporte logístico e a segurança necessários às operações. Dentre o apoio logístico que é realizado, destacamos



**Hasteamento do pavilhão nacional – 52º
Batalhão de Infantaria de Selva**

as inúmeras atividades nas áreas de transporte, saúde, alimentação e alojamento, sem as quais o projeto talvez fosse inviável.

Os objetivos do projeto são:

- contribuir para a formação do universitário como cidadão;

- integrar o universitário ao processo de desenvolvimento nacional, por meio de ações participativas sobre a realidade do País;

- consolidar no universitário brasileiro o sentido de responsabilidade social e coletiva, em prol da cidadania, do desenvolvimento e da defesa dos interesses nacionais; e

- estimular no universitário a produção de projetos coletivos locais, em parceria com as comunidades assistidas.

Os rondonistas, como são chamados os professores e estudantes universitários que participam do Projeto, realizam atividades concentradas nas áreas de comunicação, cultura, direitos humanos e justiça, educação, meio ambiente, saúde, tecnologia e produção e trabalho.

O Projeto Rondon estabelece que as regiões prioritárias de atuação sejam aquelas com maiores índices de pobreza e exclusão social, bem como áreas isoladas do território nacional que necessitem de maior aporte de bens e serviços. Por essa razão, são priorizadas as regiões norte e nordeste do País. ➡

Trechos da Carta de um Rondonista ao Comando do 52º Batalhão de Infantaria de Selva



Olá! Meu nome é Thiago e fui rondonista na operação Carajás, no município de Eldorado dos Carajás com a Universidade Federal do Paraná. Gostaria de agradecer todo o apoio que vocês deram à operação, toda a ajuda e os conhecimentos que vocês me passaram. Gostaria de confessar que nunca fui fã das Forças Armadas, principalmente do Exército, por uma série de fatores que ocorreram no meu alistamento militar obrigatório. Mas devo dizer que mudei de opinião ao conhecer o 52º BIS. Hoje vejo com orgulho o trabalho que vocês realizam, o treinamento e a preparação diária pelo nosso país. Me emocionei muito assistindo à palestra do Tenente-Coronel **Samuel**, na qual ele disse que escolheu lutar pelo País com a farda, mas que nós, cada jovem universitário ali presente, pode e deve lutar pelo País, seu progresso e desenvolvimento, nas áreas que escolhemos atuar. No meu caso, na Engenharia Cartográfica. O abismo que eu achava que existia entre a sociedade civil e a militar, aprendi que não existe. Aprendi que todos somos brasileiros e que apenas escolhemos caminhos ou formas diferentes de mudar e lutar por esse país. Queria agradecer a todos vocês, que foram gentis conosco, que tanto nos ajudaram e nos mostraram que não há abismo algum, mas há, sim, uma unidade de uma só nação. Gostaria também de tentar transmitir o orgulho de meu pai ao saber que fiquei uns dias aí com vocês. Eu queria transmitir o orgulho e o interesse com o qual meu pai viu cada foto do quartel, da farda, dos mascotes e das instruções de abrigo, fogo e água, alimentação e animais, os brasões e o alojamento, que, segundo ele, não mudaram nada desde a sua época. As lembranças que eu ganhei, como a carta, o jornal e a agenda, me desculpem, mas eu dei para o meu pai, que quase chorou ao ter em suas mãos artigos de um Exército companheiro, amigo de cada cidadão brasileiro. Para finalizar, gostaria de agradecer mais uma vez o apoio, de cada soldado que, mesmo de forma “invisível”, trabalhou para nos acomodar e nos dar uma ótima estada. Queria agradecer também ao pessoal da cozinha, pelo atendimento e refeições impecáveis, ao Tenente-Coronel **Samuel** pela simplicidade com a qual andou entre nós, estudantes, e a proximidade que teve conosco. Por fim, ao 2º Tenente **Heyder**, instrutor da aula sobre abrigos, que pediu que nós, provenientes das mais distintas regiões do País, não nos esquecêssemos de que ali, na selva, um lugar muitas vezes desconhecido por governantes e pela sociedade, existem guerreiros que treinam dia após dia, abrem mão de diversas coisas, para defender o nosso País. A ele, eu gostaria de responder que, pelo menos da minha parte, nunca esquecerei, nem a minha família, de que aí, muito longe da Curitiba da qual escrevo, existem brasileiros, guerreiros de selva, que escolheram defender e desenvolver este País com a farda e o fuzil.

Muito Obrigado e um grande abraço a cada integrante do 52º BIS, **Thiago Rempel**



Cooperação Militar Brasileira no Paraguai-CMBP

15 anos de cooperação, integração e amizade

Herdeira das tradições da Missão Militar Brasileira de Instrução, a CMBP completa, em 2011, quinze anos de trabalho em terras guaranis, ano em que também se comemora o bicentenário de independência da República do Paraguai.

A Cooperação Militar Brasileira no Paraguai (CMBP) é um órgão do Exército Brasileiro (EB) que se destina a estreitar os laços de cooperação, integração e amizade entre os Exércitos do Paraguai e do Brasil, tendo por base o acordo firmado entre os dois países, em vigor desde 23 de outubro de 1996.

Chefiada pelo Adido de Defesa e do Exército no Paraguai, a CMBP é composta por seis oficiais superiores e um subtenente, nomeados para um período de dois anos.

Histórico

O intercâmbio militar entre Brasil e Paraguai remonta ao ano de 1851, quando o então presidente paraguaio, **Carlos Antônio Lopez**, recebeu assessoramento de oficiais do Império Brasileiro, dentre os quais **Villagran Cabrita** e **Hermenegildo Pôrto Carrero**, para a construção de fortalezas e instrução de artilheiros.

Também merecem destaque a instalação em Assunção, no ano de 1934, de uma das primeiras Aditâncias do EB no exterior e o funcionamento, entre 1956 e 2000, da Comissão Mista Brasil-Paraguai, criada para intensificar a integração viária entre os dois países e que contou com a participação ativa da engenharia militar brasileira. Dentre suas realizações, destaca-se a construção da Ponte da Amizade, ligando Ciudad del Este a Foz do Iguaçu.

Missão Militar Brasileira de Instrução no Paraguai

Os primeiros contatos para a criação de uma Missão Militar ocorreram em 1941, entre os então presidentes do Paraguai, General **Higino Morinigo**, e do Brasil, Doutor **Getúlio Vargas**. Sua principal finalidade seria contribuir para

a organização de cursos de Cavalaria e Educação Física.

Desde então, tornava-se real o desejo de se estreitar os laços entre as duas Nações, que combateram no passado em duras e sangrentas batalhas, e que decidiram unir esforços para enfrentar desafios e encontrar soluções em conjunto.

Em 15 de maio de 1942, uma equipe de cinco oficiais do EB, com o nome de Missão Militar de Ensino, apresentava-se em Assunção, no Quartel da 1ª Divisão de Cavalaria Paraguaia.

A partir de 1947, a Missão passou a se subordinar ao Estado-Maior do Exército, recebendo a denominação de Missão Militar Brasileira de Instrução no Paraguai (MMBIP).

Ao longo dos anos, os seus trabalhos foram adquirindo uma crescente expressão, com ativa participação nas instruções junto às escolas de formação, de aperfeiçoamento, de altos estudos, de equitação, de paraquedismo e de educação física do Exército Paraguaio.

No auge de sua atuação, a MMBIP foi integrada por oficiais superiores assessores das Armas e Serviços, capitães assessores de equitação, educação física e paraquedismo.

Em 1994, após mais de meio século de trabalho, encerrou suas atividades.

Deixando um legado muito maior do que previa o acordo bilateral, a MMBIP contribuiu para a projeção do Exército Paraguaio, e deu início a um significativo processo de aproximação institucional. A construção da Hidrelétrica de Itaipu, símbolo da integração entre os dois países, deve-se, em grande parte, ao relacionamento que foi desenvolvido entre o Brasil e o Paraguai no campo militar.

Ressalta-se, também, o surgimento de laços de amizade sincera entre os militares dos dois Exércitos e suas famílias.

Até os dias atuais, o trabalho desenvolvido pela MMBIP é alvo de reconhecimento e gratidão por parte dos oficiais-generais e superiores que conviveram com instrutores brasileiros nas escolas militares do Exército Paraguaio.

Não são poucos os momentos lembrados por esses oficiais paraguaios, retratando a salutar e fértil interação entre os “missioneiros”, como eram conhecidos os integrantes da MMBIP, e os comandantes, instrutores e alunos daquelas

escolas.

Cooperação Militar Brasileira no Paraguai

Após o encerramento da MMBIP, Brasil e Paraguai reestruturaram o Acordo para permanecerem trabalhando conjuntamente na área militar.

Em 24 de julho de 1995, foram formalizados os entendimentos para a instalação de uma Cooperação Militar. Visualizou-se uma mudança de enfoque nos trabalhos, não estando limitados à área de instrução.

Em seu artigo I, o Acordo firmado entre os dois países definia como objetivo “... concertar uma cooperação militar com fins científicos, culturais, tecnológicos e de aperfeiçoamento no campo militar, a ser canalizada através da Aditância do Exército...”



Atividade de instrução no Colégio Militar de Suboficiais do Exército Paraguaio (COMISOE)

A CMBP iniciou suas atividades em janeiro de 1997, com dois oficiais superiores, das Armas de Infantaria e Cavalaria.

Em 1998, passou a contar com mais dois membros, especialistas nas áreas de comunicação social e de inteligência. Em 2000, foi acrescentado um sargento auxiliar e, em 2002, mais dois oficiais, das Armas de Comunicações e Artilharia.

Entre 1996 e 2001, a CMBP ocupou instalações da Embaixada Brasileira no Paraguai e, entre 2001 e 2005,



Oficiais da CMBP em exercício no terreno, junto com instrutores e alunos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército Paraguaio.



Visita a sítios históricos paraguaios

esteve junto ao Comando do Exército Paraguai. Desde 2005 ocupa as instalações atuais, no aquartelamento da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, em Assunção.

Atualmente, a CMBP conta com oficiais superiores com curso de Estado-Maior, que trabalham como assessores das armas de Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia, Comunicações e Material Bélico, além de um subtenente auxiliar.

Dentre as tarefas executadas, destacam-se a participação no preparo do Pelotão Paraguai que integra o Contingente Brasileiro (BRABATT/1), na missão de paz no Haiti, apoio às reuniões bilaterais, suporte a execução de convênios, como o de manutenção de blindados, e a condução das viagens de estudos realizadas pelos principais institutos de ensino militar paraguaios ao Brasil.

Também merece destaque a orientação realizada pela CMBP aos oficiais e sargentos paraguaios designados para cursos e estágios no EB. Cabe ressaltar que, desde 1942 até o presente ano, mais de 600 militares paraguaios se diplomaram em diversas escolas militares brasileiras.

Cada oficial da CMBP, de acordo com suas habilitações, efetua o trabalho de ligação com órgãos das Forças Armadas Paraguais, em especial com o Exército, procurando estreitar o relacionamento e identificar necessi-

dades e oportunidades de cooperação.

Merecem referência os intercâmbios doutrinários com os institutos componentes do Centro de Institutos Militares de Ensino do Exército Paraguai, com a Escola de Comando e Estado-Maior Marechal José Félix Estigarribia, com a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais General Eugenio Garay, com a Academia Militar Marechal Francisco Solano López, com o Colégio Militar Acosta Ñu e com o Colégio Militar de Suboficiais do Exército.

Da mesma forma, também são constantes e frutíferos os trabalhos com outros órgãos militares paraguaios, como o



Embarque, em Assunção, do Pelotão Paraguai para o Haiti



Recepção dos integrantes do COMLOG aos militares da CMBP

Comando Logístico (COMLOG), a Diretoria de Material Bélico, os Corpos de Exércitos, as Divisões de Infantaria e Cavalaria, os Comandos de Artilharia, Engenharia e de Comunicações, a Brigada Aerotransportada da Força

Aérea Paraguaia e a Escola de Educação Física das Forças Armadas.

Uma característica fundamental do assessoramento é a franqueza de propósitos. Os temas são apresentados conforme tratados pelo EB, cabendo aos órgãos militares do Paraguai julgar sua aplicabilidade. Dessa forma, o trabalho é desenvolvido em um ambiente de muita confiança, respeito mútuo e amizade.

Desde 2009, o Exército Paraguaio possui um instrutor na ECEME do Brasil, aspecto importante para a consolidação do intercâmbio no campo militar.

É relevante, também, ressaltar o trabalho de incentivo ao estudo da história militar. Neste sentido, a CMBP apoia a realização de conferências e anualmente visita, junto com militares paraguaios, os sítios Históricos da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870) e da Guerra do Chaco (1932-1935).

Conclusão

Ao completar quinze anos de criação, neste ano do bicentenário de independência da Nação Guarani, a CMBP se orgulha em manter as tradições da Missão Militar Brasileira de Instrução no Paraguai, sendo um importante vetor para a integração dos dois Exércitos e para o fortalecimento das relações bilaterais entre nossos países. —



Oficiais da CMBP em um Exercício no Terreno, junto com instrutores e alunos da ECEME do Paraguai.



A memória audiovisual na Era Digital

A popularização das câmeras digitais de foto e vídeo tem gerado números impressionantes em termos de armazenamento, que passou a ser digital, realizado principalmente em discos magnéticos.

Antes, o uso da fotografia era parcimonioso, porque gerava o custo inicial da aquisição do filme e sua posterior revelação por inteiro. Hoje, capturar uma imagem custa apenas o valor de um cartão de memória, muitas vezes embutido na própria câmera digital e que ainda pode ser reutilizado inúmeras vezes. Podemos, ainda, revelar apenas aquela imagem que interessar. Na prática, o que se constata é o aumento extraordinário no número de fotografias e de horas de imagens em vídeo, ao passo que a revelação e a impressão desse acervo diminuam.

As suas memórias armazenadas em um álbum, tempos atrás, não tinham como ser manipuladas pelo simples fato de não haver tecnologia para modificá-las. As fotos impressas e filmes, em rolo ou em fitas magnéticas, estavam ali, intocados, prontos para serem consultados, constituindo-se em documentos indelévels, palpáveis, fontes primárias inegáveis e incontestáveis da história. Esse é um verdadeiro tesouro

dos tempos modernos, que merece ser tratado com muito cuidado nos dias de hoje. O que antes era um registro físico, gravado em película, virou um arquivo digital visualizado numa tela. Daí surge a problemática da manutenção de acervo e memória, muito mais desafiadora, visto que a tecnologia tem avançado a passos largos. Infelizmente, é mais fácil um dispositivo eletrônico falhar depois de algum tempo do que desaparecer um velho álbum.

Preservação do Acervo Digital

O armazenamento agora passou a ser digital, realizado principalmente em discos magnéticos, conhecidos como discos rígidos, do inglês *hard disc* (HD), ou em mídias gravadas a partir de um computador. Já não é tão comum se consultar um álbum para mostrar a foto impressa de um evento importante, principalmente os mais recentes. Hoje, visualiza-se a imagem na tela de um computador, para que o usuário, próximo ou a distância, possa consultá-la numa página



eletrônica ou num *blog*. Não há como negar essa tendência nem a explosão do número de registros de imagens, que podem ser feitas até mesmo utilizando-se um aparelho celular. Porém a perda dos meios de armazenamento e sua manipulação são problemas a serem enfrentados.

O modo mais comum de preservação do acervo digital é a existência de uma ou mais cópias dos arquivos, o chamado *backup*. Pelo volume gerado através da popularidade das imagens digitais e em vídeo, é impossível manter uma cópia de tudo. A seleção das memórias mais importantes, aquelas que devam ser preservadas, é o primeiro passo para a manutenção de um acervo interessante e viável, pois tudo terá um custo final que deve ser considerado.

Tratando-se de vídeo, o mais premente é a seleção do material mais antigo, aquele rolo cujo projetor ainda esteja disponível para a compilação em um formato popular para os dias de hoje. Quanto antes, melhor. O novo formato a ser escolhido deve ser viável economicamente, mantendo-se o foco em sua utilização futura com qualidade e a durabilidade da mídia utilizada. Um DVD demora em média 20 anos para oxidar. Ao converter uma película em formato Super 8 milímetros, por exemplo, para o formato digital, deve-se utilizar a máxima resolução disponível. A exibição de uma imagem de grande resolução em formatos menores não implica perda de definição da imagem. Já o caminho inverso, sem o devido tratamento, significa perda de qualidade e imagens “granuladas” como consequência.

Nas fotografias, caso o negativo ainda esteja disponível, é interessante a catalogação e a manutenção do acervo sobre as principais imagens. Caso exista apenas a foto em papel, já impressa, a digitalização em máxima qualidade e a armazenagem dessa fonte em ambiente adequado é o caminho mais correto. Não é possível interromper a ação do tempo sobre o papel, sendo possível apenas o seu retardo. A digitalização facilita a consulta posterior e sua inclusão (indexação) nos diversos mecanismos de consulta existentes, preservando e perpetuando a imagem, o seu conteúdo e a intenção do autor da foto. Nesse ponto, cabe lembrar que o papel impresso é um meio sobre o qual a imagem registra o momento, o contexto histórico, a luz, a sombra, as

expressões de todas as naturezas. E hoje, mais do que nunca, sabemos que esses momentos podem ser consultados de diversas formas.

A era digital e a ausência de fontes primárias físicas, palpáveis, estocáveis, leva a dúvida sobre a autenticidade irrefutável de um documento, ou mesmo sobre sua autoria. Praticamente tudo pode ser incluído, retirado ou modificado digitalmente. Como vencer esse desafio, essa dúvida? A catalogação e o correto armazenamento de estocagem é o caminho. Sobre os filmes e fotografias mais importantes, é interessante que se faça o registro de sua autoria, do momento da captação e suas nuances, perpetuando no tempo informações que poderão mais tarde esclarecer as circunstâncias históricas do documento.

O Comando Militar do Leste na era digital

O Palácio Duque de Caxias (PDC), palco de eventos importantes de nossa história, abrigou em suas instalações o antigo Serviço Cinefotográfico do Exército. Com a mudança da capital do País para Brasília, a Organização Militar foi extinta, mas suas instalações ainda hoje abrigam a Subseção de Produção e Divulgação da 5ª Seção do CML. Muito do acervo daquela OM foi recolhido para o Arquivo Histórico do Exército. Contudo o material em VHS, mais recente e ainda passível de ser consultado, encontrava-se guardado e pouco utilizado. Esse material, depois de selecionado, foi compilado para DVD, sendo catalogado e indexado por assuntos para consulta. Essa medida simples permitiu que mais pessoas continuassem a ter acesso ao acervo, facilitando sua replicação, prolongando seu uso no tempo e perpetuando o mais importante: a memória.

Já as fotografias digitais dos principais eventos, depois de selecionadas, periodicamente são gravadas em mídia em duas vias: uma para arquivo e consulta na própria Subseção e outra para remessa ao Arquivo Histórico do Exército, onde comporá acervo e memória.

Conclusão

Os negativos e as películas que deram vida aos álbuns de ontem se transformaram em arquivos digitais armazenados em dispositivos magnéticos de hoje. É incontestável o fato de que a popularização de câmeras de foto e vídeo incrementam a preservação da nossa memória, da nossa história e da verdade dos fatos. Nos dias atuais, contudo, tão importante quanto o registro do momento histórico é a preservação futura do seu conteúdo, hoje digital, para que nossas memórias não estejam vulneráveis, mercê da quebra de um dispositivo elétrico ou eletrônico. Preservar, com responsabilidade e olhos no futuro, é preciso! —





Visão Noturna e termal no Exército

Os equipamentos de visão noturna possuem tecnologia consolidada e são usados em larga escala por diversos países. No Brasil, cabe ao Arsenal de Guerra do Rio a fabricação e a manutenção desse material, que faz parte da idealização do equipamento individual do soldado do futuro.

Conceito de Visão Noturna

Enxergar no escuro é uma capacidade restrita a algumas espécies de animais, cujos olhos foram adaptados pela seleção natural. Essa capacidade permite que o animal aja à noite naturalmente, assim

como de dia. O olho humano, adaptado por natureza ao espectro de radiação solar, não possui um bom desempenho à noite. Para superar essa limitação, e motivado principalmente por necessidades estratégicas e militares, várias tecnologias foram desenvolvidas para permitir a Visão Noturna.

A Visão Noturna, em sua definição mais ampla, é a capacidade de enxergar em situações de baixa iluminação (em ambientes abertos, à noite, ou em ambientes fechados, como em cavernas sem iluminação). Em termos militares, a Visão Noturna abrange toda uma família de equipamentos construídos para essa finalidade e empregados em combate, bem como todas as tecnologias relacionadas.

Um pouco de História

O desenvolvimento dos Equipamentos de Visão Noturna (EVN) teve início nos Estados Unidos, para uso do exército americano na Segunda Guerra Mundial e na Guerra da Coreia. A ideia inicial era que os fótons de luz fossem convertidos em elétrons, permitindo a amplificação da imagem. Até os dias de hoje, o princípio utilizado é o mesmo.

O desenvolvimento da tecnologia nos Estados Unidos



Monóculo de Visão Noturna MUNOS

passou a ser classificado em gerações e se tornou um padrão mundial na área de visão noturna. Estamos atualmente na terceira geração de EVN, que utiliza um componente conhecido como Tubo Intensificador de Imagem.

O Tubo Intensificador de Imagem

O principal componente dos EVN é o Tubo Intensificador de Imagem (TII), que funciona como um olho eletrônico, capaz de enxergar na região do espectro correspondente ao infravermelho próximo. Apesar do conjunto do EVN ser composto por lentes, espelhos e diversas peças mecânicas e eletrônicas, o tipo de TII utilizado é o fator determinante da geração.

Limitações de Exportação

O Departamento de Estado dos Estados Unidos impõe um limite sobre a qualidade dos tubos que podem ser exportados para cada país. Os fabricantes precisam se submeter a essas restrições de exportação, por força de lei. As aquisições de tubos precisam de uma licença de venda, que pode demorar alguns meses para ser obtida.

Para fins de controle, o governo dos EUA estipulou um valor conhecido como Figura de Mérito (mais conhecido como FOM, do inglês *Figure of Merit*) para fixar um critério de qualidade para os tubos. O FOM é o produto da resolução do tubo pela relação sinal/ruído. Quanto maior o FOM, melhor é a qualidade da imagem final. Atualmente, o FOM permitido para o Brasil é de 1.400.

Com o aumento da concorrência e a disseminação de fabricantes de EVN e TII pelo mundo, a tendência é haver uma queda de preço e um aumento na qualidade dos tubos americanos permitidos para exportação.

Diferenças entre a Visão Noturna a Visão Termal

A Visão Termal é uma tecnologia que utiliza a radiação térmica emitida pelos objetos para formar imagens. A Visão Termal não é, necessariamente, utilizada para fins de visualização noturna, apesar de ser a principal motivação militar. No meio civil e na indústria, essa tecnologia tem aplicação em áreas bem diversas, como na medição remota de temperatura, monitoramento do aquecimento em linhas

de transmissão, manutenção elétrica, manutenção mecânica (visualização do desgaste em rolamentos, por exemplo) e outros.

Os equipamentos de Visão Termal empregam outro tipo de sensor, diferente do TII, que capta a radiação correspondente à faixa do infravermelho médio e distante. Esses equipamentos de visão termal possuem outra classificação em gerações, que não têm qualquer relação com a classificação da Visão Noturna. Os equipamentos de Visão Termal são preferíveis aos equipamentos de Visão Noturna em situações como direção e tiro de viaturas blindadas, por não serem afetados por condições de alta iluminação. Na Aviação do Exército, porém, a Visão Noturna ainda é a tecnologia dominante.

O equipamento ideal seria aquele que pudesse conjugar o melhor de cada tecnologia: Visão Noturna e Termal. Existem pesquisas nessa área, que buscam a tecnologia conhecida como Fusão de Imagens. Lançamentos de equipamentos desse tipo são aguardados para os próximos anos.

O que Nós Utilizamos

O nosso Exército emprega várias famílias de EVN. Os tipos mais comumente encontrados, são:

Óculos de Visão Noturna Mono-objetiva

São EVN que consistem em duas oculares e uma objetiva. A imagem captada pela lente objetiva é a mesma que chega aos dois olhos. Esses equipamentos sofrem de uma limitação inerente, que é a perda de sensação de espaço. Por outro lado, pelo fato de os dois olhos estarem constantemente sob a mesma quantidade de iluminação, causam menos desconforto após muito tempo de uso (uma hora ou mais). Assim, são mais adequados para uso quando o elemento tenha que ficar estático, como em um posto de observação, mas podem ser utilizados para deslocamento, caso seja necessário.

Exemplos de EVN dessa família são os modelos desde o AN/PVS-7B até o AN/PVS-7D, todos de fabricação americana. Também temos o LUNOS IX, de origem belga, que já foi utilizado em missões no Timor Leste e no Haiti.

Óculos de Visão Noturna Biobjetiva

Esses equipamentos consistem em dois monóculos dispostos lado a lado, formando um conjunto que lembra um binóculo convencional. Eles compensam a limitação dos óculos de versão mono-objetiva, proporcionando uma sensação de espaço. Em todos os demais aspectos, são iguais aos óculos de versão mono-objetiva. Devido ao peso maior, são mais adequados para pilotos de helicóptero ou motoristas de viatura, sendo utilizados presos a um capacete. Existem versões para o combatente individual de infantaria, inclusive mais pesadas (robustecidas). Entretanto, assim como no caso



Monóculo de Visão Noturna LUNOS

do equipamento de versão mono-objetiva, é mais adequado para uso em postos de observação e vigilância.

Um exemplo de EVN biobjetiva é o modelo AN/AVS-6, utilizado pela Aviação do Exército.

Monóculos de Visão Noturna

Os Monóculos de Visão Noturna são os modelos de EVN mais simples que existem, compostos por uma ocular e uma objetiva. Têm a vantagem de serem mais leves e geralmente são de múltiplo uso, ou seja, podem ser utilizados presos ao capacete, presos ao armamento ou, eventualmente, soltos, como em uma luneta de observação. Atualmente, são os equipamentos preferidos pelos combatentes dos exércitos do mundo inteiro. Uma característica importante desses monóculos é que um dos olhos fica adaptado à escuridão. Se o monóculo não puder ser utilizado por qualquer motivo,



Monóculo de Visão Noturna LORIS



o olho adaptado do combatente fará o seu trabalho. Em situações práticas, observa-se que a escuridão total não é muito frequente, sendo desejável deixar um dos olhos livre para visualizar vultos e sombras à noite.

Exemplo de monóculo de visão noturna é o Munos, que também já foi utilizado no Timor Leste e no Haiti, e o Loris, que veio substituí-lo com uma série de melhorias. Ambos são de origem belga e foram ou estão sendo montados no Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro.

Lunetas de Visão Noturna

As Lunetas de Visão Noturna, assim como os monóculos, são compostas por uma objetiva e uma ocular, porém apresentam uma ampliação maior da imagem, e são utilizadas montadas no armamento para execução de tiro a distância. Possuem um retículo interno que deve estar colimado com a arma utilizada. Por essas características, as lunetas são mais apropriadas para missões de caçadores.



Luneta de Visão Noturna MINISCOPE-MS4

Dois exemplos de lunetas de visão noturna utilizadas no Exército são a Miniscope-MS4 e a Dark Invader.

Fabricação e Manutenção de EVN

Aspectos Gerais

No Exército, a fabricação e a manutenção de equipamentos de visão noturna são atividades desempenhadas pelo Arsenal de Guerra do Rio (fabricação e manutenção) e pelos Parques e Batalhões Logísticos (manutenção). Os planejamentos dessas atividades são executados pelas diretorias dos órgãos setoriais correspondentes: a Diretoria de Fabricação (DF) e a Diretoria de Material (DMat).

Manutenção de EVN

A manutenção de EVN requer algumas condições especiais para sua plena execução. É necessário haver um ambiente dedicado, com um controle de limpeza, temperatura e umidade, ferramental especial e pessoal treinado. No Arsenal de Guerra do Rio, existe a Seção de Optrônica, onde há uma sala limpa (Classe 100.000) com duas bancadas de fluxo laminar, que permitem reduzir a um valor tolerável os agentes contaminantes suspensos no ar (sujeira e poeira). Nessas condições, os EVN podem ser abertos sem risco de contaminação. Os produtos utilizados na limpeza de lentes (álcool, éter e acetona) são de alta pureza, assim como são especiais as hastes flexíveis de algodão utilizadas para aplicá-los (não soltam fiapos, como as utilizadas em ambientes cirúrgicos).

Após a manutenção, os EVN são testados em uma sala escura, onde se reproduzem as condições usuais de operação. Em seguida à verificação funcional, todos os equipamentos são submetidos a um purgamento, pelo qual se retira toda a umidade do material e se preenche o espaço com gás



azoto. Essa operação deve ser repetida, preventivamente, ao longo do ciclo de vida do equipamento, com uma frequência mínima de um ano em condições normais, e de seis meses em condições severas (ambiente de selva).

Os profissionais que executam a manutenção são sargentos técnicos oriundos de Comunicações e Material Bélico. Não existe um curso de formação em optrônicos, sendo esta uma especialização obtida em treinamentos específicos. A DMat organiza anualmente um estágio setorial, no qual sargentos técnicos servindo em OM Logística de Manutenção recebem um treinamento básico de uma ou duas semanas no Arsenal de Guerra do Rio.

Fabricação de EVN

A fabricação de EVN no Arsenal de Guerra do Rio consiste na montagem de determinados modelos, a partir de conjuntos de peças completamente desmontados. Essa montagem representa uma economia de cerca de 15 a 20% do valor do equipamento pronto. Para viabilizar a montagem, é necessário pessoal habilitado e treinado, ferramental específico e um ambiente dedicado (o mesmo utilizado na manutenção).

Os modelos montados pelo AGR são o Lunos, o Munos e o Loris, todos de origem belga. São EVN de tecnologia europeia, com uma qualidade similar a um nível intermediário entre a 2ª e 3ª gerações de tubos americanos. A capacidade de montagem atual do Arsenal de Guerra do Rio é de 150 equipamentos ao ano.

A montagem é realizada em lotes, compostos por 50 a 100 unidades. Para cada lote, faz-se primeiro uma conversão dos conjuntos completamente desmontados (mais conhecidos como conjuntos CKD, do inglês *Completely Knocked-Down*) para conjuntos semimontados (conhecidos como SKD, de *Semi Knocked-Down*). A partir dos conjuntos SKD, a montagem

transcorre rapidamente nas cabines de fluxo laminar. Esse processo ocorre ao longo de 4 a 6 meses, dependendo do tamanho do lote.

O processo de montagem envolve atividades de preparação de peças, colagem, soldagem, prensagem, limpeza e testes durante e após a montagem, que requerem muita concentração do técnico em bancada. O produto não apenas deve ser entregue no prazo, mas deve também alcançar um padrão mínimo de qualidade. Se a montagem for realizada sem os devidos cuidados, pode ocorrer a entrada de sujeira, que obrigará a um retrabalho, causando um atraso na entrega. Por esse motivo, o treinamento e a capacitação são elementos muito importantes desse processo.

Conclusão

Os EVN são uma tecnologia consolidada, presente em vários países, dominada por alguns, mas em uso pela maioria das Forças Armadas ao redor do mundo. Na idealização do soldado do futuro, faz parte do equipamento individual previsto, habilitando o seu usuário a combater no escuro. A Aviação do Exército já os emprega rotineiramente. Em alguns países, isso está se tornando realidade (nos EUA, existem 700.000 equipamentos de visão noturna distribuídos: um para cada combatente). Não precisamos chegar a tanto, mas os números mostram que esse é um assunto levado a sério. Nossas tropas na fronteira, por exemplo, precisam ter a capacidade de combater tanto à noite quanto de dia, visto que os maiores perigos surgem na calada da noite. Com essa visão, o Arsenal de Guerra do Rio prossegue na missão de manter e fabricar os EVN, visando capacitar a Força Terrestre a combater diuturnamente, sempre sob a orientação técnica da Diretoria de Fabricação e, na área logística, da Diretoria de Material. —



Conduzida pelo Ministério da Defesa, no período de 23 de maio a 3 de junho, a Operação Amazônia 2011 consistiu de um exercício de adestramento conjunto, que envolveu aproximadamente 4,5 mil militares da Marinha do Brasil, do Exército Brasileiro e da Força Aérea Brasileira.

Essa operação de simulação de guerra teve como grandes objetivos: manter a capacidade operativa das tropas na região no nível operacional e no nível tático; adestrar os comandos e estados-maiores no planejamento e na execução de operações conjuntas; testar procedimentos de tropas especializadas na execução de tarefas críticas; e aprimorar o adestramento das três Forças para atuar, de forma coordenada e eficaz, em conflitos convencionais em ambiente de selva.

As atividades desenvolvidas durante a operação permitiram o aperfeiçoamento de novos métodos na área de logística e de comunicações, assim como caracterizaram mais uma oportunidade de praticar a interoperabilidade e a doutrina operacional para o emprego conjunto das Forças Armadas.

Em 2011, as ações da Operação Amazônia transcorreram em uma área de aproximadamente 800 mil quilômetros quadrados, abrangendo os municípios de Manaus, São Gabriel da Cachoeira, Tefé, Coari, Japurá, Fonte Boa, Jutai e Yauaretê, todos no Estado do Amazonas e na área do Comando Militar da Amazônia (CMA).

Além das diversas tarefas relacionadas com o emprego militar, as Forças Armadas prestaram apoio às comunidades

ribeirinhas, por meio de Ações Cívico-Sociais (ACISO), fortalecendo a presença do Estado junto à população local. Essas ações levaram atendimento médico e odontológico à população de localidades como Manaus, Fonte Boa, Japurá, Maraã e Yauaretê. Foram empregados militares do Serviço de Saúde das três Forças, que atuaram utilizando a estrutura de saúde dos municípios envolvidos e o apoio do Navio de Assistência Hospitalar Osvaldo Cruz, da Marinha. Além do atendimento médico-odontológico à população, o pessoal de saúde também promoveu palestras sobre prevenção de doenças, primeiros socorros e higiene bucal.

O Cenário do Conflito

As operações conjuntas são planejadas e conduzidas dentro de uma situação hipotética, considerando conflitos entre dois países limítrofes, envolvendo diferentes atores. Dessa forma, procura-se criar cenários de um conflito armado, nos quais se possa explorar e treinar procedimentos quanto ao planejamento conjunto e testar sistemas como a logística e o comando e controle (C2), por exemplo.

No caso da Operação Amazônica 2011, o Estado do Amazonas foi dividido em dois países fictícios, Verde e Amarelo,



Marinha, Exército e Força Aérea Unidos na Defesa da Nossa Amazônia



onde foi ativado o Teatro de Operações (TO), sob o comando do Comandante Militar da Amazônia. Nessas condições, foram criadas situações de contencioso que evoluíram para o conflito armado, com emprego de tropas do CMA e outras mobilizadas fora do TO.

As Forças Armadas do país Verde, representadas pelas tropas que participaram do exercício, foram constituídas de militares da 8ª Região Militar/8ª Divisão de Exército (Belém-PA), da 2ª Brigada de Infantaria de Selva (São Gabriel da Cachoeira-AM), da 16ª Brigada de Infantaria de Selva (Tefé-AM), da 23ª Brigada de Infantaria de Selva (Marabá-PA), da 10ª Brigada de Infantaria Motorizada (Recife-PE), da Brigada de Operações Especiais (Goiânia-GO), do Comando de Aviação do Exército (Taubaté-SP), da 1ª Brigada de Artilharia Antiaérea (Guarujá-SP) e do 1º Batalhão de Infantaria de Selva (Manaus-AM). A Marinha do Brasil se fez representar pelas organizações militares e meios dos 4º e 9º Distritos Navais (Belém-PA e Manaus-AM, respectivamente). Com relação à Força Aérea, foram empregadas várias aeronaves de transporte, de reconhecimento e de ataque, atualmente em serviço na Amazônia e fora dela.

Quanto às tropas integrantes do país Amarelo, a maioria delas foi empregada de forma figurada. Entretanto, em alguns casos, ocorreu a utilização de tropa no terreno, como figuração inimiga, a fim de proporcionar o desenvolvimento de ações consideradas de importância a serem testadas. Essas atividades foram consideradas “ações críticas”, por serem de difícil realização em situação normal.



Coordenação das atividades pela DIREX

A Direção do Exercício (DIREX)

Na Operação Amazônia, coube à DIREX coordenar as atividades e conduzir o ritmo dos trabalhos de planejamento e de execução, elaborar e controlar a execução dos problemas militares simulados (PMS), solucionados pelo Estado-Maior Conjunto do Teatro de Operações (EMC/TO) e pelas Forças Componentes e Conjuntas subordinadas ao Comando do TO, colocar os meios de comando e controle à disposição do Comando do TO, verificar a utilização adequada da doutrina de emprego de operações conjuntas, dentre outras atribuições.



Estado-Maior Conjunto

Estado-Maior do Teatro de Operações Amazônia

O Estado-Maior do Teatro de Operação Amazônia caracterizou-se por uma estrutura de planejamento conjunto, com a participação de militares especialistas das três Forças, distribuídos pelas áreas de acordo com a especificidade. Assim sendo, no caso dessa operação, foram empregadas as seguintes equipes (células): de pessoal (D1), de inteligência (D2), de operações (D3), de logística (D4), de planejamento (D5), de comando e controle (D6), de comunicação social (D7), de operações psicológicas e de direito internacional dos conflitos armados – DICA (D8), e de assuntos civis (D9).

A Logística Operacional

A Logística representou um tema da mais alta relevância na Operação Amazônia 2011. Nessa ocasião, foi ativado o



Vídeoconferência

Comando Logístico do Teatro de Operações (CLTO), com a participação de militares das três Forças, que receberam o desafio de prover os meios para a subsistência das operações em curso, buscando também atualizar os planejamentos dentro de uma visão realista e com os meios disponíveis.



Comando Logístico do Teatro de Operações (CLTO)

Com a finalidade de atender às necessidades de controle e de evacuação de pessoal não combatente na faixa de fronteira, foram instalados os Centros de Controle de Evacuados (CCE), na fronteira entre os países Verde e Amarelo e no município de Tefé/AM.

Após a triagem e o controle da população pelos CCE, ocorreu a evacuação até um Local de Destino Seguro (LDS), que, no caso, localizou-se em Manaus-AM. Trata-se de um local com maior infraestrutura na Zona de Administração (ZA), com condições plenas de realizar o apoio à população em suas

necessidades básicas, minorando a distância de seus lares e proporcionando a proteção necessária até o final do conflito.

Dentre as tarefas que couberam ao CLTO, podem ser citadas as seguintes: a segurança de infraestrutura crítica em Manaus/AM, a evacuação de não combatentes, a ACISO em Manaus e a coordenação do apoio logístico às forças componentes do TO.

O Comando e Controle

O sistema de comando e controle testado na Operação Amazônia 2011 permitiu que os escalões de comando, no nível operacional e tático, pudessem realizar, dentre outras atividades, videoconferências diárias, a fim de coordenarem suas ações e analisar a situação de cada participante.

A Comunicação Social

Atualmente, a facilidade de comunicação e o acesso amplo





Entrevista Coletiva – Estado-Maior Conjunto

e irrestrito à informação mudaram as relações entre sociedade, Governo e Forças Armadas.

A transmissão imediata dos fatos, acontecimentos, e até investigações ocorridas nos cenários de combate, diretamente para os lares das famílias tem influenciado decisivamente o destino dos conflitos. Aliado a isso, verifica-se a crescente importância da mídia como meio de influência na opinião pública.

Embora cada operação militar tenha características próprias, devem ser considerados, no planejamento e na execução das atividades de comunicação social, alguns aspectos como a duração, a amplitude e o tipo da operação (convencional, garantia da lei e da ordem, subsidiária ou de paz), as consequências e as repercussões das ações militares perante a opinião pública.

Para que isso seja levado a efeito, o oficial de Comunicação Social e o de Operações Psicológicas devem integrar seus planejamentos, de forma centralizada, a fim de obter a

sinergia nas campanhas a serem desencadeadas, bem como aproveitarem, mutuamente, as oportunidades que surgirem durante a operação.

No caso da Operação Amazônia 2011, a Comunicação Social (Com Soc) foi conduzida em três áreas distintas e procurou--se organizá-la a fim de atender às necessidades tanto no âmbito institucional como no ambiente de exercício.

Assim sendo, a parte institucional da Com Soc esteve distribuída em Relações Públicas, Informações Públicas e Divulgação Institucional, de acordo com a doutrina de emprego vigente no Exército.

Por meio dessas áreas, foram realizadas as seguintes tarefas relacionadas com a Com Soc:

- atendimento à imprensa;
- preparação e condução de coletiva de imprensa;
- treinamento de mídia com autoridades para entrevistas e coletiva de imprensa;
- treinamento de entrevista com os estagiários do Estágio



Ação Cívico-Social (ACISO) no CINDACTA IV – Manaus-AM



1º Pelotão de Fronteira – Ponto Forte

de Correspondentes de Assuntos Militares (ECAM);

- preparação de notas à imprensa;
- preparação de matérias jornalísticas para divulgação na página da operação na internet;
- edição de vídeos sobre as atividades envolvidas no exercício, seja de cunho operacional ou social, como as ACISO;
- acompanhamento de jornalistas e repórteres que solicitaram a realização de matérias sobre as ações, mesmo em outras localidades, como foi o caso de atividades nas cidades de Yauaretê, Tefé e Fonte Boa, por ocasião da visita do Ministro da Defesa ao TO Amazônico;
- cobertura das atividades realizadas pelas tropas no terreno;
- prática de entrevistas e de preparação de matérias jornalísticas com os estudantes do (ECAM);
- acompanhamento diário das notícias divulgadas pela mídia local, regional, nacional e internacional sobre a Operação;
- contato com a imprensa para permitir mídia espontânea nos órgãos de imprensa;
- preparação dos Problemas Militares Simulados (PMS) e acompanhamento das soluções pelos estados-maiores envolvidos na execução da Operação; e
- inclusão e atualização de matérias jornalísticas na página eletrônica simulada e acompanhamento das ações decorrentes.

A Simulação da Operação

Durante a Operação Amazônia 2011, foi utilizada uma

página pelo sistema de intranet, a fim de simular incidentes para provocar a contrarresposta por parte dos órgãos de planejamento do Estado--Maior do Teatro de Operações ou das forças empregadas.

O “site simulado” foi uma ferramenta de tecnologia da informação que teve por objetivo tornar as ações mais dinâmicas dentro de um exercício simulado. Esse artifício foi elaborado e coordenado pelos integrantes do Centro de Comunicação Social da Aeronáutica (CECOMSAER) que integraram a estrutura de Com Soc de Operação.

O site simbolizou uma agência de notícias elaborada para um ambiente operacional, na qual foram inseridas reportagens, depoimentos, fotos, vídeos e comentários dos supostos “internautas” sobre as situações que a direção do exercício (DIREX) pretendeu exercitar com os estados-maiores.

A utilização do site simulado proporcionou um grau de realismo interessante para um exercício desse nível, sobretudo visando direcionar o planejamento das ações pelos estado-maiores empregados.

As Notícias da Operação

O Centro de Comunicação Social do Exército foi o responsável pela elaboração de um *hot site* para divulgação institucional dos eventos e do dia a dia da Operação. O *hot site* além de manter os internautas informados sobre as principais atividades da operação militar, também foi utilizado como mais uma ferramenta na divulgação dos trabalhos realizados pelos estudantes de jornalismo que participaram do Estágio de Correspondentes de Assuntos Militares.



Estagiários do ECAM em atividade durante a Operação Amazônia 2011

Estágio de Correspondentes de Assuntos Militares

Durante a Operação Amazônia 2011, dezenove universitários do curso de Comunicação Social de três instituições de Ensino Superior do Estado do Amazonas executaram trabalhos voltados para as áreas de jornalismo e de relações públicas, coordenadas pela equipe de Com Soc.

Junto aos integrantes da comunicação institucional do Exercício Conjunto, estudantes da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), do Centro Universitário de Ensino Superior do Amazonas (CIESA) e da Faculdade Marta Falcão (FMF) realizaram atividades de assessoria de imprensa, produção de matérias, resenhas diárias e entrevistas. Essa participação na Operação contribuiu para o Estágio de Correspondentes de Assuntos Militares (ECAM), que teve início na semana anterior à Operação, sob a coordenação do Comando Militar da Amazônia (CMA).

Os estagiários participaram também da fase de planejamento dos eventos da Operação, para que tivessem noções iniciais sobre o exercício, sobre o ambiente militar e de como adequar o tema ao meio civil. Dessa forma, puderam interagir melhor com os diversos públicos, tanto na parte institucional como na simulação propriamente dita.

O envolvimento dos universitários em operações conjuntas entre Marinha, Exército e Força Aérea é uma prática que ocorre há alguns anos e tem como objetivo difundir, no meio acadêmico, o trabalho desenvolvido pelas Forças Armadas em um exercício de simulação de guerra.



Estagiárias do ECAM em oficina de técnicas de reportagem

Considerações Finais

A realização de operações conjuntas das Forças Armadas constitui-se em excelente oportunidade para desenvolver e aperfeiçoar o método de planejamento conjunto a ser utilizado em caso de participação em conflito armado ou situação de crise. A execução desse tipo de preparação tem se mostrado oportuna e necessária já que não se concebe, na atualidade, o emprego operacional militar sem que haja a interoperabilidade entre as três Forças Armadas.

Nesse contexto, a comunicação social encontra-se inserida de modo marcante, pois se caracteriza por ser uma ferramenta importante de apoio à decisão e uma atividade que interage com todas as áreas do planejamento. Considera-se que, se for bem dimensionada e conduzida, pode contribuir para ampliar a liberdade de ação das tropas e multiplicar o poder de combate. —



Personagem da nossa história

Filho de **Clarismundo Morais Pinheiro** e de **Maria Francisca Braga**, o Sargento **Nilo Moraes Pinheiro** nasceu em 1922, em Ipanema (MG). Seguiu para a Itália no 2º Escalão que partiu do Porto do Rio de Janeiro, em 20 de setembro de 1944.

Militar exemplar, foi um campeão de patrulhas, à frente das quais praticou inúmeros atos de heroísmo, tendo sabido conduzir os seus homens com segurança, nas mais diferentes e difíceis missões. Foi alvo de inúmeras citações de combate, entre as quais destacamos:

– 29 de dezembro de 1944 – “É um exemplo bem edificante o desta patrulha de que fazia parte o Sargento **Nilo**, uma vez que procurara o inimigo, surpreendendo-o e atacando-o no próprio abrigo por ele guardado e defendido. Nesta fase brilhante, o referido Sargento revelou serenidade, sangue frio, inteligência e agressividade, além de perfeito equilíbrio das ações, realizando uma tarefa notável na qual foi judiciosamente aplicada a técnica de combate que aprendera, em época oportuna. Levando-se ainda em conta as condições desfavoráveis do terreno e do tempo inclemente, e que a ação se passou durante o dia, o trabalho do Sargento **Nilo** e seus comandados cresce de valor, assumindo um aspecto todo particular e realce. Às 1430 horas, do dia 20 de dezembro, o Comandante da 8ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria, lançava, à frente das suas posições, uma patrulha com a dupla missão de reconhecer posições inimigas e facilitar o retraimento de outra patrulha da Subunidade vizinha. Atingindo o objetivo com louvável intento de completar a observação, o Sargento **Nilo** decidiu galgar mais um ponto a sua frente. Índícios recentes da presença do inimigo nas proximidades surgiram logo depois de vencidos apenas cerca de 150 metros de itinerário a percorrer. Entretanto a patrulha não se intimida, e cautelosamente prossegue, desta vez alertada de provável encontro com o inimigo.

No meio da neve, surgiu-lhe uma seteira, por onde são lançadas, no interior do abrigo, duas granadas de mão. Imediatamente depois, a patrulha cerca o abrigo, fecha-lhe a única saída existente e aprende a guarnição. Saem, de dois em dois, quatro prisioneiros alemães. Para vasculhá-lo, o cabo nele penetra. Defronta-se-lhe um quinto adversário que, com uma arma branca, tenta resistir e é abatido. Fora, um prisioneiro

3º Sargento Nilo Moraes Pinheiro

Homenagem aos Sargentos mortos na Campanha da FEB

ensaia escapar-se: um dos soldados brasileiros aplica-lhe um golpe, enquanto o outro o domina. Metralhadoras alemãs vizinhas abrem fogo. Na impossibilidade de transportar a metralhadora que guarnece a posição, o cabo da patrulha quebra-a contra as pedras e a patrulha se retrai, conduzindo quatro prisioneiros inclusive um ferido, cumprindo, assim, rigidamente a sua missão. Na essência, as características dessa missão traduzem o espírito ofensivo dos nossos homens e põe em plano especial os seus executantes. Aponto-os com prazer ao apreço de toda a Força Expedicionária Brasileira”. (Boletim nº 17, de 17 de janeiro de 1945, da 1ª D.I.E)

Agraciado com as Medalhas de Campanha e Cruz de Combate de 2ª Classe, lê-se no decreto de concessão desta última:

“Por ter, no dia 29 de dezembro de 1944, comandado uma patrulha de 7 homens, que saiu em reconhecimento, a qual, tendo conseguido aproximar-se 80 metros da posição inimiga, avistou uma seteira que denunciava a existência de uma casamata. Resolveu atacar essa casamata e manobrou com perícia sua patrulha. Conseguiu aproximar-se, sem ser presentido. Atacou pela retaguarda, aprisionando um suboficial, 2 cabos e 1 soldado”.

Ferido em combate, faleceu no dia 7 de fevereiro de 1945, em Valdibura, recebendo de seu Comandante a seguinte citação:

“Em 03 de fevereiro de 1945, desde o anoitecer daquele dia, o inimigo bombardeava periódica e tenazmente as posições da 7ª Companhia, do 11º Regimento de Infantaria, na frente de combate, em particular a região de Montilocco. Progredindo em silêncio, aproveitando o castanhal e os fossos, às 22 horas os alemães surgiram nas proximidades de um posto de combate, a 200 metros do Posto de Comando, que tentavam envolver. Apenas decorreram 5 minutos e já o Sargento **Nilo** partia, sobre pesado bombardeio, para colocar a postos os homens de seu grupo, de modo a fazer face a uma possível investida adversária neste ponto de sua responsabilidade. Em meio caminho, foi gravemente atingido por estilhaços de granada, vindo a falecer dias depois”.

Aguardava promoção a 2º Tenente, quando morreu, de arma na mão, enfrentando o inimigo, sendo promovido postmortem.

O Sargento **Nilo** demonstrou possuir as Virtudes Militares de Coragem, Bravura e Iniciativa. A citação do Comandante da FEB o classificou de Soldado Exemplar.

Fonte: Livro “Os 68 Sargentos Heróis da FEB, mortos em Operações de Guerra”, do Coronel Cláudio Moreira Bento e Alterações do Sargento Nilo, da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – Seção de São João Del-Rei.

Cobertura de um extremo a outro do Brasil



Onde o Exército está, você acompanha aqui!

Exército Notícias
Vídeos Institucionais
O que vai pela Força
Preparo e Emprego
Organizações Militares
Documentários e Entrevistas
POUPEX Entrevista
Exército na TV

www.exercito.gov.br



“... à semelhança dos Pinheiros de vossa Terra Natal, viveu, pelas suas qualidades morais, sempre na vertical e caiu deixando um vazio cheio de saudades entre os componentes da Força Expedicionária Brasileira...”

Trecho da Carta do General Euclydes Zenóbio da Costa à Sr^a. Etelvina Wolff, mãe do Sargento Max Wolff, em 26 de maio de 1945, informando da morte de seu filho.

Condecoração do Sargento Max Wolff Filho
nos Campos de Batalha da Itália – 2ª Guerra Mundial